Class PQ9261
Book .C36P7
Copy 2

PRIMEIROS VERSOS

O Autor

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

2531
4505

PRIMEIROS VERSOS

DE

JULIO, visconde DE CASTILHO

36

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — A. DURAND, LIVREIRO, RUA CUJAS, 9

1867

Copy 2

PQ9261
.C36P7
copy 2.

387270
'29

AMK 5F35

AO MESTRE

DA

LYRA PORTUGUEZA

OFFERECE

COMO TRIBUTO DE PROFUNDO AMOR FILIAL E SINCERA GRATIDÃO

o seu filho respeitoso

JULIO DE CASTILHO

AO MEU LOIREIRO PATERNO

— OFFERENDA —

De novo ao teu altar, Nume da lusa lyra,
Amor guiou meu plectro; a gratidão m'o inspira.

Uma corôa mais porei no teu loireiro,
no teu, a cuja sombra errante viajeiro
tanta vez acho albergue, é paz, e companhia.

Arvore fresca e boa, acolhe e propicía
os rusticos festões das minhas pobres flores,
que tanto tempo hão sido unicos meus amores.
Acolhe-os, bom loireiro, arvore antiga e régia;
em ti suspendo a lyra: escuda-m'a, protege-a.

Oh! que bem que se está sob esta fresquidão!
Arvore, á sombra tua abre-se o coração;

pensa-se no futuro, e scísma-se no olvido ;
ouve-se um gorgear de passaro escondido,
e respira-se o olor dos vastos seios teus.
O cantar e o florir ensina-t'os um Deus.

Aqui nem chega o som do rugir da cidade.
Nasceste no ermo valle onde verdeja a herdade
que outr'ora Tibur foi, e onde cantava Horacio.
As auras matinaes manda-t'as o teu Lacio.
Na tua cumieira um sol fulge; é romano ;
viu o teu Sulmonense, e o já teu Mantuano ;
incendeu de Tibullo a apaixonada lyra ;
hoje nos ramos teus pendente plectro inspira,
o humanitario plectro, entre risonho e grave,
o teu plectro amoroso, o plectro tão suave,
que Ovidio veio pôr na tua ramaria,
e onde o vento murmura : Amor ! melancolia !

O sol de Roma, o sol da bella Grecia antiga
é teu; cresceste largo; a tua copa amiga
chama as aves do ceo, e as greis da cercania.
És o votivo altar na Arcadia da poesia.

Chegam aos teus doceis alegres os pastores,
a frautear e cantar sem medo os seus amores.
Gravam-te no amplo tronco os mottos e as legendas ;
libam á tua beira, e pendem-te offerendas.

Chega o furtivo amante ; e á tua opáca sombra

tem camarim silvestre, e muzicas, e alfombra;
ama ; suspira ; inscreve o amado nome d'Ella ;
és o seu confidente, e o meigo altar da bella.

Chega o cançado ancião, e logras dar-lhe abrigo;
embalado em teus sons, evoca o tempo antigo ;
remoça ; as suas cãs cobriste-lh'as de fronde ;
acha em ti coração, que ao seu tambem responde.

Chega o homem da Igreja ; e entende o teu murmurio ;
do teu caramanchel penetra no tugurio,
e vem scismar comtigo, ao declinar do sol,
a escutar na deveza o vago rouxinol.

Chega a fresca puericia, a tua namorada ;
traz do rócio da aurora a testa inda orvalhada ;
dança em roda ao teu tronco, e enflora-se festiva;
canta; acredita ; é pura ; é meiga ; é sensitiva.
Insculpe-te no casco imagens, traços, lettras ;
tu vêl-a, e em seu presente o porvir lhe soléttras;
sacodes-lhe ao regaço as tuas brancas flores ;
e sentes-te feliz, gozando os seus amores.

Chega a virgem á tarde ao despontar da lua ;
recita versos teus á maga sombra tua.
Pelo amplo ceo grisalho abrem-se ao longe estrellas;
ella acolhe-as sorrindo ; entende-se com ellas ;
conversa-as na linguage occulta da poesia,
e ouve no coração : Amor ! melancolia !

Vêm todos á porfia ; a todos dás fragrancia.
Á velhice alva e fria, á loira alegre infancia,
á idade que medita, á ardente mocidade,
tens um conselho, um ai, um chilro, uma saudade!
Eis pois hoje a teus pés um lasso pegureiro.
És o grão confidente, e orgulho ao valle inteiro.

A todos falla e encanta a magica doçura
da tua fresquidão tão funda e tão segura.
És o guia na selva, és o Nestor no monte.
A tua copa verde abrange o alto horisonte,
e inunda-se na luz da face azul do ceo.
Cada dia que vem, pendura-te um tropheo.

Co'o meditar do ancião, e os jubilos do amante,
entro na tua sombra ; acolhe-me, gigante !
Deponho o meu bordão, assento-me, e descanço.
Alem chora uma fonte ; o usado teu remanço
nada o perturba aqui. Na placida deveza
callou-se o rouxinol. Dormita a natureza.

Ja na minha harpa eolia algum lamento acordas,
ó fremito da briza, ao perpassar nas cordas.

Loireiro de Virgilio, embala-me e suspira!
desce a tarde solemne ; em ti penduro a lyra.

Lisboa, Novembro de 1866.

AO PUBLICO

É o autor desta pequena collecção de versos o primeiro que lhes reconhece a pouquissima valia como obras de arte. Coagiram-n-o porem a publical-os em volume instancias e ordens a que não havia resistir.

Aos leitores de Portugal e Brazil apresenta pois o autor estas primicias, frutos pouco sazonados e dessaborosos é verdade, os unicos porem que lhe era dado colher por em quanto no seu minguado vergel. Se no volver dos annos algum dos leitores acertar de vir outra vez por desenfado procurar

o remanço hospitaleiro destas mesmas arvores, bem pode ser que alguma dellas então lhe dê mais á farta o que por em quanto se lhes pede em vão :.sombra, frutos, fragrancias, e harmonia.

PRIMEIROS VERSOS

I

24 DE SETEMBRO

Á MEMORIA DO LIBERTADOR

Como no immenso Atlantico
se esconde o sol brilhante,
e com fulgor esplendido
mergulha triumphante,
Dom Pedro, o heroe magnanimo,
vai conquistar o Ceo.

Filho do bem, oh! deixas-nos!
deixas-nos, Rei Alcides!
deixas assim a patria
sem general nas lides!
Consola-nos, Amelia!
Rasga á sciencia o veo.

Do Throno á choça, lagrimas
só reinam neste dia ;
nos corações, memorias
da sua valentia ;
toda em silencio Lysia
soluça de afflicção.

Rojando-se, carpindo-se,
prostrada ante os altares,
triste, confusa, trémula,
faz retumbar nos ares :
« Soccorre, ó Providencia,
« esta infeliz nação. »

Morreu Dom Pedro. Attonito
jaz Portugal inteiro ;
jaz abraçado ao féretro
do salvador guerreiro ;
extingue-se o reverbero
do nosso proprio amor.

Do heroe, do martyr principe,
tudo nos diz a morte.
As armas entristecem-se ;
lamenta-se a cohorte !
Morreu o heroe magnanimo,
o heroe libertador.

Mas onde está recondito
não valem nossos choros.
Sentado ante o Altissimo,
entre os celestes córos,
pedindo está por Lysia
ao Deus rei das nações.

Oh! Beauharnais, consola-te!
ventura está gozando;
cerrou na terra as palpebras
bem summo praticando.
Dom Pedro jaz no féretro,
mas vive em corações.

Lisboa, Setembro de 1852.

II

LEITURA REPENTINA

VERSOS RECITADOS NA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA PELO METHODO PORTUGUEZ NO REGIMENTO DE LANCEIROS DA RAINHA EM BELEM A 19 DE SETEMBRO DE 1852

É noite. O astro dos amores,
cingindo mil resplendores
la vai subindo no ceo.

Melancolicos e amantes
todos contemplam errantes
aquelle astro nú sem veo.

Que pensamentos diversos
não trarão agora immersos
os animos dos mortaes?

Entre nós reina a alegria,
que o amor no peito cria,
e o reforça a mais e mais.

Qual lua, no firmamento
com celeste movimento
sobe no immenso painel,

da leitura repentina,
que a todos nos illumina,
anda o formoso batel.

Castilho entre os innocentes,
que ja riem de contentes,
aporta, dizendo : « Aqui.

« Eu vos vou dar a sciencia ;
« com ella amor e prudencia,
« como dar eu nunca vi.

« Vinde, vinde, bella infancia,
« receber com abundancia
« pão do espirito, saber !

« Prestae-me attenção sómente,
« que eu a vós, e de repente,
« vós ensinarei a ler.

« A minha lyra doirada,
« minha tão enamorada,
« para sempre a desterrei.

« A minha lyra de agora
« bem mais alta e mais sonora. ...
« livros com que ensinarei.

« Eu vou dar aos pobresinhos
« desherdados e rotinhos
« horas de eterno prazer!

« Vou-lhes dar uma riqueza,
« que não tem nem a nobreza,
« que só tem o saber ler. »

Avante! avante, soldados
do mundo tão desejados!
avante em vossa missão!

Vamos todos á conquista
de uma terra inda não vista,
da terra da promissão.

Lisboa, Setembro de 1852.

III

4 DE FEVEREIRO

Á PREMATURA MORTE DE SUA ALTEZA IMPERIAL A PRINCEZA D. MARIA AMELIA DE BRAGANÇA

Qual astro, que no Empyreo
fulgúra illuminando,
e que no Oceano turbido
mergulha, inda brilhando,
filha do Heroe Magnanimo
Amelia nos deixou!...

De vez em quando, lugubre
ribomba a artilheria,
que outr'ora co'as victorias
garbosa e leda ria;
e a pobre lyra em lagrimas
cantares encetou.

Do Heroe por excellencia
Ella era augusta filha;

com Ella agora o Altissimo
celestes bens partilha !
O' Beauharnais, consola-te !...
Amelia não morreu !...

Abrindo as azas candidas,
largou, voando, a terra;
foi ter á patria fúlgida,
que o nosso premio encerra !...
Não chores !... foi Amelia
ao patrio ninho seu.

1853.

IV

VERSOS CANTADOS PELAS ALUMNAS DO ASILO DA RUA DOS CALAFATES

A SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ DO BRAZIL NO SEU REGRESSO DA ILHA DA MADEIRA SEM A PRINCEZA D. AMELIA EM 1853

Eis-te emfim nos nossos braços,
Mãe, que é mais que Imperatriz,
a apertar de novo os laços
co'a tua infancia infeliz.

Toda em luto! oh! que orphandade
nesse teu trajar de dó!
Ella... d'antes... que saudade!
pobre Mãe! como vens só!

Chora, chora, alma serena,
busca o teu conforto em Deus;
vem descançar a tua pena
entre os pobres filhos teus.

Sabes com que diligencia
aprendemos sempre aqui!
era a nossa consciencia
sempre a fallar-nos de ti.

De cá te vimos saudosas,
pobre Mãe, na tua dor.
Outros te deem loiro e rosas;
nós damos-te o nosso amor.

Todo o tempo que sobrava
das nossas pobres lições,
eras tu quem o levava
para Deus em orações.

Chora, chora, alma serena!
busca o teu conforto em Deus!
Vem sepultar a tua pena
entre o amor dos filhos teus.

1853.

V

15 DE NOVEMBRO

Á MEMORIA DA RAINHA A SENHORA D. MARIA II

AO MODERNO D. ALEIXO DE MENEZES, O EXCELLENTISSIMO CONDE DA CARREIRA, COMO SINAL DE ALTA CONSIDERAÇÃO.

No tristonho campanario
dobra o sino entristecido.
Ruge o canhão centannario
na campanha envelhecido.

Nuncio da nova desgraça
tolda-se o ceo de vapores.
Portugal empunha a taça
de tremendos amargores.

A nobre antiga bandeira
que o Universo nos venceu,
e a Portugal por fronteira
do mundo as fronteiras deu;

que sob chefes valorosos
as Indias nos descobriu,
o pendão dos poderosos
agora em luto caíu.

Absorto em melancólia,
de pé nas rochas do mar,
vejo o espectro de Maria
caminhando pelo ar.

Contemplo o phantasma grande,
inda de Rei coroado.
A lua, que amor expande,
lá sai dentre um ceo doirado.

Com respeitosa tristeza
me inclino a beijar-lhe a mão ;
e lhe pergunto : « ó Princeza,
« os teus destinos quaes são?

« Vais já para onde se encerra
« summo bem, summa alegria,
« ou pairas inda na terra,
« por onde amor só te guia ? »

O Espectro Real se inclina ;
e ora contemplando o mar,
ora a lua diamantina,
responde erguendo-se ao ar :

« Não venho do jazigo onde repousam
« cinzas dos Reis Augustos meus Avós ;
« nem me encaminho ainda á Eternidade ;
« vou passar essa undosa immensidade,
« a bem de Portugal, voando, a sós.

« Soberanos do mundo, quando o somno
« vos houver em seu gremio voluptuoso,
« em sonhos me vereis chegar sorrindo,
« a vós ajoelhada, a vós pedindo
« amor jurado a Portugal famoso.

« Amei, dei gloria a Portugal, em viva ;
« morri, mas vivo nos filhinhos meus ;
« morta, porfio a amal-o e a dar-lhe gloria ;
« ás muitas vou juntar-lhe uma victoria,
« mais um brazão accrescentar aos seus.

« A paz, por que suspiram Soberanos,
« e por que outr'ora eu tanto suspirei,
« aos Reis, ao Rei dos Reis ah ! vou pedil-a,
« e em candida manhã venho espargil-a
« por estes reinos meus, que tanto amei.

« A guerra, que ora infesta o Oriente,
« a guerra, desbarate e assolação,
« altivo espectro trovejante a guerra,
« embaixador de Satanaz na terra,
« roubal-a-ha dentre vós o meu condão.

« Vereis o Tejo, o Tejo meu querido,
« das lyras de oiro o Tejo encantador,
« sorrir ameno e não troar guerreiro ;
« não feroz, mas sereno e hospitaleiro
« correr benigno a sussurrar amor.

« Adeus patria, adeus mundo, adeus ó filhos.
« Filhos, adeus! Fernando, o ultimo adeus.
« Não! não choreis! eu vivo. Arrebatada
« me leva um anjo á esplendida morada,
« á séde omnipotente, ao Ceo de Deus. »

Calou-se; e mirava
sorrindo entre pranto
o lucido manto
do casto luar.

Seu trajo era neve ;
cingiam-n-a rosas ;
as azas formosas
abria-as ao ar.

Dir-se-hia uma estrella!
fugia e voava!
o espaço galgava!
seu norte era Deus!

Voava, esvahia-se...
e ja no horisonte

volvia-me a fronte,
dizendo-me : « Adeus ! »

Quando o phantasma grande ao ar subiu radiante,
prostrei-me pensativo e vendo-o voar.
Quando se me esquivou á vista por distante,
quando se me perdeu pela amplidão do mar,

vista e pensar voltei ao mundo minha origem,
donde no pensamento ausente havia estado,
pelo sonho, ideal, meditação, vertigem,
onde o Espectro Real me havia collocado.

E vi que tudo chorava.
Tudo me dizia : dor !
Só e mudo eu contemplava
o poder do Creador.

Lisboa, 19 de Novembro de 1853.

VI

O ERMITÃO DA MONTANHA

AO MEU FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Subi o dorso escarpado
da montanha do ermitão.
Seu silencio é perturbado
só por vivo furacão;
de cannas pelo cicío,
de aves negras pelo pío,
que só tristezas nos dão.

Alem pinheiro alteroso
se ergue soberbo pelo ar.
Alem um pico escabroso
se despenha sobre o mar.
Mais alem... só matto agreste;
de vez em quando um cipreste,
co'o cimo o Ceo a apontar.

Ninguem vive nestas terras?
ninguem em solidão tal?

— Ninguem — respondem as serras
co'o silencio sepulchral.
O calado destes montes
quebram-n-o aves, folhas, fontes,
mar ao longe, ou vendaval.

Lá na serra mais bravia
funda furna encontrareis;
seu tapete é terra fria;
musgo e limo os seus doceis.
Surge cruz de alva madeira
na esconça esquecida beira,
feitura de mãos fieis.

E que homem é, que assim mora
em tão medonha soidão?
A rustiquez o enamora.
Ai! coitado do ermitão.
Junto á caverna tem flores;
seus desvelos, seus amores,
só para as florinhas são.

O bom do velho sentado
uma tarde ao pé de mim,
olhava o sol engastado
entre saphira e carmim,
que então retratava á terra
quanto de amores se encerra
de um bello dia no fim.

E me dizia : — « O profundo
« muge entre as fragas alem.
« Alem morre o dia ; o mundo
« no somno recai tambem.
« Nas cristas de alto rochedo
« nós oramos em segredo
« ao Autor do summo bem. »

Sim, que a solidão é bella,
sim que é vasta a solidão,
pois no seio intimo della
sempre exulta o coração.
Nascem do pó das idades
e sepultam-se as cidades.
Vive, e canta o ermitão.

Entre as ondas agitadas,
rugidoras, poz-se o sol ;
ás mais altas cumiadas
vem saudal-as o arrebol.
Volvem ao colmo os pastores ;
na balseira os seus amores
preludía o rouxinol.

Cresce o ermo e a escuridade
nas leziras ondulosas ;
toda a aerea immensidade
traja o luto e despe as rosas.

Mas... branqueja no horisonte;
surde a lua atraz de um monte,
sobre as varzeas silenciosas.

Salve, astro de formosuras
das ethereas solidões!
virgem alva das alturas
das celestes amplidões!
viageira saudosa
da alta região luminosa
das estrellas a milhões!

Quando entre veos, e indecisa,
sorrís teu doce clarão,
és a eterna poetisa,
és a muza da soidão.
No teu rosto a Providencia
pôz a eterna confidencia,
pôz dos Anjos a expressão.

Entre as ondas prateadas
quando te vais a sumir,
quando as solidões caladas
no escuro vão recaír,
o amante cai no descanço;
e no trémulo remanço
a rolinha quer dormir.

Do infusorio de uma taça,
ao solto fero leão;
desde a briza que esvoaça,
ao roncar do furacão;
desde a violeta do prado,
ao baubab agigantado...
Deus é Rei da creação.

Leiria, Março de 1854.

VII

CREPUSCULO

É noite. As longas sombras extensissimas
encheram as valleiras.
Não tarda a erguer-se a lua, ás cumieiras
da muda serrania.

Madalena! que scena melancolica!
olha o lago; olha a ermida!
Ah! mas se isto o não é, dize, querida,
dize: o que é poesia?...

1854, Verão, S. Domingos de Bemfica.

VIII

A MEU PAE

Franca a janella ás brizas namoradas,
eis-me em frente do mar, meu Pae, sósinho.
O mar! o vasto mar, que amavas tanto!

Entre as brumas da ausencia, ante o ceo largo,
quiçá neste momento de saudade,
quando longe de ti me estorço e gemo,
contemplas co'uma lagrima tristissima
lua, ceo, outro oceano, outras estrellas!

Entre os ermos do mar, que chora e ruge,
talvez te lembre o suspirado albergue!

Entre estranhos irmão, nobre utopista,
pezas na mente o bem de um povo inteiro!

Da tremula amurada debruçado
sobre a rôta fugaz sonora espuma,

talvez se te espreguiça o pensamento
na regalada infancia ! ou se te aninha
em caricias dos teus ! ou se te eleva
em nuvens de ideal ! Oh ! meu Poeta,
meu Pae, quiçá te eu lembro, qual me lembras !

Claro esplende o luar ! que melancolico
não é de noite ouvir ao longe o lugubre
alerta do soldado ! e que poesia
de tristeza e de amores não respiram
Lisboa á noite, e em noite estiva a lua !

No Tejo teu mira-se a lua em chapa.
Confusa, vaporosa, alem negreja
a costa da Outra Banda; alem, Lisboa
donosa e socegada ; alem, verdura.

Do mais visinho templo o campanario
sòa lento, espaçado ; o meu cão Fido
ressona junto a mim. Todos na casa
dormem, de muito ; eu velo ; e tu comigo,
tu no meu coração; tu na minh'alma.
E em quanto o vasto mar sulcas nest'hora,
eis-me á espera, ante o mar, meu Pae, sósinho.

Lisboa, Julho de 1855.

IX

A TEMPESTADE

Que noite! alem negreja a serrania;
muge o fero aquilão; treme o meu lar;
remoinha a ventania a sibilar;
da serra no alto pincaro
róla o trovão.

Junto ao meu coração chega-te, ó Lilia!
(hora de amor!) segrede o teu, co'o meu;
deixa que lá por fora o torvo ceo
rasguem mil fitas fúlgidas
na escuridão.

Neste momento a rola ao terno esposo
envolve, aperta, amima. O pinheiral
ruge açoitado em vão do temporal:
o ninho em beijos funde-se,
de immenso ardor.

Tu, minha rola, deixa que a minha alma
abraçada á tua alma, e expulsos veos,
sonhe arrobada os extases dos ceos
gozando o eden dulcissimo
do teu amor.

Cascaes, Inverno de 1855.

X

ESPARSA

No peito nos quiz Deus pôr
planta de sua affeição;
chamamos-lhe coração;
vive, regando-a de amor.

Coração que Deus te deu
porque não m'o dás a mim?
que dessas plantas assim
bom jardineiro sou eu.

1856.

XI

ADEUS PARA SEMPRE

Foi de manhã. A alvorada
vinha a surgir graciosa;
doirando a planicie hervosa,
namorando os corações.

A avesinha debruçada
do seu ninho musgo e pennas,
chilrava maguas serenas
nas innocentes canções.

Foi junto do cemiterio,
á porta da velha ermida;
á que me é mais do que a vida
solucei o ultimo adeus.

Peço : ao bosque, um ermiterio ;
a Laura ao menos lembrança ;
e venho aspirar bonança
co'a fronte na mão de Deus.

Lisboa, 1856

XII

O MONGE E O VIANDANTE

O viandante disse ao monge:
— « No seio do bosque umbroso,
velho ermita silencioso,
quem és? que buscas? tão longe
do trato dos irmãos teus?!! » —

E disse o monge ao viandante:
— « Deste ermo umbroso no seio
amo; espero; admiro; leio.
Vós, duvidais; e eu constante
creio e aprendo a amar a Deus. »

Serra do Monsanto, 1856.

XIII

OS POBRESINHOS

— MEDITAÇÃO —

Era uma tarde; divina
como as tardes de verão;
cuidei no sol que declina
ver o amor no curvo ancião.

Frouxo o sol roxeava as telhas
na casa do santo monge;
e nas frestas as scentelhas
eram como olhos de velhas,
saudosas mirando ao longe!...

Era campo; e a natureza
diz poesia ao pôr do sol;
ressurge então a alma acceza
nas cores do arrebol.

Poesia no campo é ave,
meiga, etherea, caprichosa;
e sob a celeste nave
canta amores mais suave,
se espaneja mais ditosa.

Por detraz de um campanario
subia, alegre e sem veo,
o astro meigo e solitario,
a lua, virgem do ceo.

Mas curvo, triste, aleijado,
vi junto ao muro um menino.
Tinha o rosto fatigado
pendente ao duro cajado,
como um mundo pequenino.

Ao pé delle, a um mais mocinho,
vi lagrimas borbolhar,
e no pallido rostinho
trazer o rir, e o chorar.

Orphãos talvez !... e olhos cerra
o mundo, immerso em delirio ! !
a infancia é calix que encerra
toda a innocencia da terra,
todo o casto amor do Empyreo.

A vida é mar espumante,
torvo, rapido, voraz.
O amor de Deus é diamante,
que no mais profundo jaz.

Não o sabe um Creso, um nobre ;
sente-o o mendigo, que ao mundo
dá bençãos do Ceo, por cobre ;
e pelo andrajo que o cobre
mede as galas de alem-mundo.

Responde o rir da vaidade
aos arrancos da afflicção ;
foge a turba sem piedade
á infancia que pede pão.

— « Pão ! » — grita o mais infantinho
co'a fome na voz, nos olhos ;
ninguem detem o caminho ;
ninguem lhe arranca um espinho
ao farto pisar de abrolhos !

O mundo é assim. Sorri-se
aos que por oiro são reis.
Ao rei que um astro pedisse,
diria : — « Os astros tereis. »

Seguiu. Pendia-lhe a fronte.

Veio ; estendeu-me a mãosinha
O meu triste olhar a monte
divagava no horisonte.
Disse-lhe : — « Não. » — Nada tinha.

Vais, turba soberba e louca,
ebria de luz, de folgar !
elle... co'o perdão na bocca,
(Anjos sabem perdoar!)

foi da estrada á beira hervosa
ver passar ricas mulheres,
que em berlinda estrepitosa,
todas luxo, riso, e prosa,
se iam correndo a prazeres.

Junqueira, Agosto de 1856.

XIV

MEIA NOITE

— ESPARSA Á VIOLA —

Era meia noite;
branquejava a lua
nas vidraças altas
da janella tua.

Tudo suspirava
ao sutíl clarão:
eu, por teus amores;
tu, pela oração.

O sorrir da lua,
o siciar da hervinha,
todos me fallavam
na Natercia minha.

O luar entrava
pelo bosque mudo;

Eu, só via, Eugenia,
o teu riso em tudo.

E que noite, Eugenia!
dava a clara lua
na scismante face
da janella tua.

Que esplendor! que amores!
té na aragem fria!
eu todo era incendio!
todo poesia!

E dizia: « Adoro-te,
« anjo seductor!
« ai! que és minha vida!
« ai! que és meu amor!

« Se este amor é sonho,
« não me acordes, não!
« não, que a vida é curta
« para um coração. »

Vinham-me de longe
como uns sons de amores;
eram pelo rio
vagos pescadores.

Eu só via em sonhos
sempre a imagem tua.
Era meia noite;
branquejava a lua.

Lisboa, Agosto de 1856.

XV

PALMIRA

— ROMANCE MAURESQUE —

« Batelier du Guadalquivir,
« Remonte le long de la dune!
« Viens, le village de Nabir
« Danse joyeux au clair de lune! » —
C'était jadis ; ainsi chantait
Palmira, la belle andalouse.
En Espagne, au milieu de Mai
On rit la nuit sur la pelouse.

« Beau pêcheur du Guadalquivir,
« Entends les fêtes du village ;
« Elles ne laissent point dormir
« L'écho de ce brûlant rivage.
« Oh ! je veux danser jusqu'au jour
« Sur le gazon de la vallée.
« Entends-tu minuit sur la tour,
« La grande tour de la mosquée ? »

Le pêcheur du Guadalquivir
Remontait pensif la rivière ;
Les vagues toujours de rugir
Rongeant la côte solitaire.
Tantôt il serre son poignard ;
Tantôt la rame, qu'il soulève.
Il va fixant son œil hagard
Sur l'obscurité de la grève.

— « Qu'il est doux le Guadalquivir,
« Le doux baigneur de nos fillettes ! »—
Dit-elle. — « Oh ! j'entends retentir
« La guitarre et les castagnettes.
« Mon amant ! mon doux batelier !
« Viens ! dansons ! la lune est si belle !
« Amour veut que j'aille danser ;
« A l'amour puis-je être rebelle ? »

Aux rives du Guadalquivir,
Palmira, la belle captive,
Comme un doux luth semblait gémir,
Gémir comme une onde plaintive.
Son amant débarque soudain,
Froid comme un colosse de pierre ;
Portant un poignard à la main,
Foulant d'un pied leste la terre.

— « Les ondes du Guadalquivir,—
Dit-il, — « seront tes draps funèbres !

« Hier tu donnas à Zéïr
« Un mot d'amour dans les ténèbres.
« Oh ! les bateliers sont jaloux
« Comme un calife de Grenade !
« Entends les sons tendres et doux
« Des bals confus de la bourgade !

« Vois encor le Guadalquivir,
« Tes montagnes et la Séville !
« Et meurs ! En pensant à Zéïr,
« Mourir n'est pas si difficile ! »
— « Oh ! mon cœur ? Zéïr ne l'a pas, —
Dit-elle — « amant de mon enfance.
« Dès longtemps vous aimez Sara ;
« Moi je l'ai souffert en silence.

« Aux rives du Guadalquivir,
« Venez avec Sara, la blonde ;
« Près de vous je viendrai surgir,
« Ombre blanche de l'autre monde. »
Il la frappe, elle tombe, il fuit
Égaré, le long de la dune.
Que Séville est triste à minuit !
Qu'elle l'était au clair de lune !

Octobre 1856.

XVI

INSCRIPÇÃO

NO LIVRO INTIMO DE UM POETA

O Senhor deu poesia aos ceos, á immensidade;
voz ao mar, voz á noite; o genio á sociedade.
Mas o homem das canções logrou maior favor:
soprou-lhe Deus na fronte, e o engrinaldou de amor.

Mafra, Outubro de 1856.

XVII

ESTROPHES

ESCRITAS POR BAIXO DE UM RETRATO DE CAMÕES

Camões, lá donde estás sentes voz nesta turba?
prosa nesta terrinha? ingratidão neste ar?
Camões, um leito ignoto os sonhos teus não turba?
que te segreda amor nas noites de luar?

Sem Natercia, e sem lyra, onde se vai tua alma,
(pobre alma!) a praticar co'os teus por esse ceo?
Homem, foi-se-te a vida; e nella o loiro e a palma;
sombra, vai-se-te a morte; e nella o mausoleo.

Janeiro de 1857.

XVIII

TOUJOURS TOI

Le jour était serein ; le fond de la ravine
Fumait ; et le soleil, plein de grâce enfantine,
Riait. Oh ! mon vallon, plein d'arbres et de fleurs,
Et la fête du jour, portaient à tous les cœurs
Comme un encens divin de joie et d'espérance ;
Bien-être qui disait : dans le ciel, PROVIDENCE !
Dans l'homme, ENTHOUSIASME ! et GRACE dans l'oiseau.

Tout était gai ; le long des arbres du coteau
On entendait passer les voix des jeunes filles,
Puis le ruisseau plus loin, perdu dans les charmilles.

Les hameaux, les moulins, les champs, les horisons,
Riaient comme inondés de lumière et de sons.
Mon âme débordait de chastes rêveries ;
Et l'écho découpait de vagues sonneries.
Car le vieux Hermitage aux vastes toits moussus,

Aux vitraux coloriés, aux longs arceaux pointus,
Aux murs noircis, portail roman et tour gothique,
Grâve au rire charmant d'un vieillard homérique,
Était en fête. Et l'air était si calme ! au loin
Les paysans chantaient en longeant le chemin.
Les bois, les pleurs du vent, la verdure, les femmes,
Tout me parlait de Dieu ; Dieu qui fit pour les âmes
Ces parfums enivrants, souffles de l'Éternel :
La femme, ange du cœur, le prêtre, ange du ciel.

. . . . . .

Je songeais à toi seule, ô vision chérie !
Chaste étoile — Espérance — au matin de ma vie !
Ange de mon réveil ! douce apparition,
Si vite anéantie au bas de l'horison.
Et mon âme, en creusant au fond de ses pensées,
Retrouvait l'air si pur de mes jeunes années,
Nos rêves, nos adieux, ton piano, ton amour,
Tout un monde englouti !... peut-être sans retour.
Au milieu de ces bruits, de cette fête immense,
Je ne voyais que toi. Mon cœur, qui toujours pense,
Était comme un lac sombre où la forêt s'endort :
Ravie, absente, hélas ! je t'y voyais encor.

Odivellas, Avril 1857.

XIX

A PASCAL DE L...

Jeune homme, sur ton front que nul fiel ne verdit,
Sur ta bouche innocente et qui toujours sourit,
Sur tes yeux, soupiraux d'où jaillit, douce flamme,
Le céleste rayon qui réchauffe ton âme,
Sur ton futur si beau, si frais, si long, si clair,
Le vaste ciel de Dieu réfléchit un éclair.

Aussi, Pascal, à Dieu tu consacres ta vie.
L'autel t'attend demain ; demain l'autel te lie
Prêtre du grand amour au Maître universel.
Ta charité sur terre, et ta couronne au ciel.

Encore un jour, Pascal, et ta voix caressante
Va mettre aux pieds de Dieu ton offrande charmante :
Ta riche conscience avec son ciel d'azur,
Ton jeune cœur, si tendre, et si fort, et si pur,
Ton âme, qui d'un bond franchit le vaste abîme.
Oh ! oui ! c'est beau, c'est grand, jeune homme au front sublime,

Enfant à la voix douce, homme au regard penseur,
A la noire soutane, au pas grave et rêveur.

Quand vers le soir, penché sur ta sombre fenêtre,
Pascal, ô mon ami, toi l'homme, toi le prêtre,
Tu songeras; tandis que le soleil lointain
Rougira sous tes doigts la Bible au dos châtain,
Ta Bible que tu prends comme je prends ma lyre,
Ta bonne vieille Bible où nous aimions à lire;
Quand ton clocher sonore autour regardera,
Mêlant aux voix de l'air son Ave Maria,
Ou ces divins couplets, chansons des presbytères,
Les ménuets joyeux ou les glas funéraires;
Une autre voix, Pascal, parlera dans ton cœur
De moi, de tes amis, des gloires du Seigneur!
Tu sentiras grandir la morne rêverie
Avec son crépuscule en ton âme qui prie!
Et ta bouche entr'ouverte ira mêler ton chant
A ce grand *Te Deum* de tout soleil couchant.

Avril 1857.

XX

OH! JE T'AIME!

Je t'aime, ô bel enfant! femme au front de Madonne;
Fille à l'œil qui sourit; ange à la main qui donne.
Toi, bonne et douce à voir, comme un lointain des bois,
Dont le gazon vert d'or, et le concert des voix
Des arbres, des oiseaux, des vents et du silence,
Font qu'il s'éveille en nous une douce innocence;
Un amour chaste et noble; un baiser surhumain
De l'âme du penseur sur la Puissante Main.
Toi, frêle adolescente, au petit pied sublime,
Au cœur triste et joyeux, et qui déjà s'anime
De feu comme une aurore, et dont le charme vrai
Rit comme les parfums d'un beau matin de Mai.

C'est à toi que je pense à minuit, quand la lune
Vient me voir en entrant par la fenêtre brune.

. . . . . .

Il est de ces moments dans la vie, où le cœur

Se couvre et s'obscurcit d'un extase rêveur.
Sur l'âme, lac limpide, alors si l'oiseau passe,
Il frappe l'eau de l'aile, et vous laisse une trace,
Au loin, sereine et morne, en cercles tournoyants,
Qui grandissent rêveurs, et demeurent longtemps.

. . . . . .

Quand tu passes, mon Ange, au sein d'une clairière;
Quand tu foules, tranquille, heureuse et solitaire,
L'herbe de cette allée où je te vis un jour;
Quand le soir tu me vois regardant tour à tour,
Vaguement ta fenêtre, et ta place, et ton ombre;
Ne suis-je pas alors dans quelque recoin sombre
De ton cœur poétique? ou, dis, ne suis-je pas
Assis tout près de toi, ma tête dans tes bras,
Rêvant de toi, Vénus à la face angélique,
Toi caressant mon front de ton regard pudique,
T'amusant à plonger tes deux petites mains
Dans l'épaisse forêt de mes cheveux châtains?

Oui, j'habite ton cœur, car ta main, que je presse
Quand je vais près de toi, je sens qu'avec mollesse
Tu la laisses rester, palpiter doucement,
Se tordre, et s'esquiver ainsi qu'un doux serpent;
Car tu baisses les yeux, pensive, souriante,
Chaste, et belle toujours, quand sur ta main tremblante
Je dépose un baiser; et puis souvent, la nuit,
Tu vas guetter la lune, au jardin, loin du bruit.

Un soir (t'en souvient-il?), l'après-midi d'automne
Répandait dans les airs sa teinte monotone ;
Les vents entrechoquaient les branches des sapins ;
Le sentier reprenait sa brume et ses lointains.

Sur le bord d'un marais, dont les eaux endormies
Se mariaient si bien aux douces mélodies
De ces musiciens, petits animaux verts,
Qui chantent leurs amours et font aussi des vers,
Sans mettre plus de rime, en leurs refrains sauvages,
Que la rime sans loi de l'écho des rivages,
Sur le bord d'un marais j'allais marchant toujours.
L'hermitage annonçait aux mornes alentours
L'Angélus virginal.

Au pied de la chaumière,
Quelque chose de blanc traversait la clairière.
Une silphide? une ombre? une dame du bois?
Un spectre? un loup-garou? Oh! non! non! c'était toi.
C'était toi, qui portais au seuil de la misère
Le pain blanc pour l'enfant, le vin pour le grand-père.
C'était toi, qui baignais dans la chaste clarté
D'un vague demi-jour ta chaste charité.
Toi, qui baisais la Croix à ton cou suspendue,
Et penchais sur ton sein ta belle tête nue.
Ta vue errait au loin et s'animait de feu !
Et tu disais en toi : — « Merci! merci, mon Dieu ! »

. . . . . .

Oh ! je t'aimais alors d'un sentiment étrange !
Plein de verve et d'amour, je te croyais un ange
Mes yeux s'obscurcissaient ! et je ne te vis plus !...
Et j'entendis au loin... l'écho de l'Angélus !...

. . . . . .

. . . . . .

Oh ! chasse de ton front la rouge modestie !
Que ton œil s'illumine, et ta bouche sourie !
Vois donc ce beau soleil ! ces vastes moissons d'or !
L'arbre qui rêve au loin, et l'ombrage qui dort !
Tout ce grand paysage, où la riche Nature
Étale devant toi sa puissante parure !
Cache tes petits pieds dans l'herbe du vallon !
L'herbe vaut bien, au moins, le tapis d'un salon.
Et puis, tes yeux rêveurs, ton front, qui toujours pense,
J'aime à les voir ici, sous la coupole immense.
Oui, car la femme à l'ange a pris ce calme pur,
Ce mystère touchant, qui s'allie à l'azur,
Et fait rêver de lui, et des vertes campagnes,
Et du sapin sauvage, et des âpres montagnes.

Mafra, Novembre 1856.

XXI

AVE MARIA

Uma tarde no ermo, exhausto e cheio o espirito
de fervente poesia,
fui-me a procurar longe á ermida solitaria
a santa Ave Maria.

O campo enoitecia; enviava ao ceo fragrancias,
qual thuribulo que arde.
No ar boiavam sons; eram a prece e os canticos
do hymno christão da tarde:

a voz do lavrador, o vento pelas plúmulas
da seára estendida,
e ao longe entre os pinhaes a longa infantil supplica
do sininho da ermida.

Hour of love, of prayer — diz Byron, o poetico,
da hora da Ave Maria.
Oh ! campo ! oh ! solidão ! oh ! Byron saudosissimo !
oh ! poesia ! poesia !...

S. Domingos de Bemfica, Maio de 1857.

XXII

A MARGARIDA BERNARDI

NA NOITE DO SEU BENEFICIO EM 8 DE ABRIL DE 1858

Tudo é gloria, flores, palmas,
melodia e festa aqui;
de tua alma desce ás almas
luz que o ceo guardava em si.
Teu olhar, teu rir, teus cantos,
Margarida! os teus encantos,
o fulgir dos olhos teus,
entre o incenso da harmonia
turbilhões são de poesia
que me elevam para Deus.

De mulher na voz formosa,
a *do ideal linguagem bella*
inda augmenta saudosa
a doçura que é tão della.
Geme a harpa; ri-se a lyra;

co'o fallar que amor lhe inspira
trina a flauta almos prazeres.
Mas um canto enamorado,
puro, meigo, enfeitiçado...
só nos labios das mulheres.

E nos teus!!! Entre os perfumes
do salão vasto, incendido,
quando esplende a luz dos lumes
sobre o povo embevecido,
tua fronte grega e linda
diz modestia e graça infinda
como os anjos do Senhor;
pena e dôr teu canto acalma;
põe-te o genio fogo n'alma;
rir nos labios põe-t'o amor.

XXIII

NOITE DE PRIMAVERA

Noite de Primavera!
oh! noite de harmonia!
por ti nas almas gera
amor sons de poesia.
Ri pendido no muro o jasmineiro em flor.
Ao fundo do jardim, todo envolto em verdura,
rescende o laranjal, se embalança e murmura,
e talvez que entre si medite em Vós, Senhor.

Oh! porque não terão
as arvores bemditas,
que albergue e frutos dão
ás vossas avesitas,
um coração que falle á tarde, ao arrebol,
quando toda é saudade e canto a natureza?
á aurora que é doçura? ao luar que é tristeza?
e se aquente, e se anime á luz do grande sol?!

Nas abas da ermidinha,
aos pés sombrios do álamo,
á soidão montesinha
alegra a voz do cálamo,
que mixta co'o silencio enleva os corações.
Noite de Primavera ! oh ! noite de harmonia,
se por ti gera ámor n'alma sons de poesia,
infunde o Ceo por ti fervor nas orações.

Lisboa, Maio de 1858.

XXIV

NA DESPEDIDA DE UMA CANTORA

Lance o genio sobre as turbas
em torrentes a harmonia!
ella, aos sopros da poesia,
nos embale em vago amor.
Sob os ceos da sua Italia
cante Verdi; um Deus o inspira;
cada aragem que suspira
traz-lhe ao estro um novo ardor.

É-lhe Italia um vasto Elyseo,
onde as sombras immortaes,
ao sopé dos monumentos
lhe segredam os concentos
das mandoras eternaes!

Hoje, ainda o nobre Hernani!
hoje, a festa inebriante!

Sobre a turba palpitante
paira um nome; o nome teu!
Sim! rescende em Margarida
a longinqua etherea essencia
das virtudes, da innocencia,
raros dons que o ceo te deu!

Como espelho mysterioso,
sabes d'alma reflectir
co'o sublime do teu estro,
todo o fogo do maestro,
toda a luz do seu sentir.

Creio, quando eccôa a sala
co'o triumpho estrepitoso,
no teu vulto magestoso
ver a mãe do Paphio deus.
Tua voz, que enturvam lagrimas,
innocente e pudibunda,
vem-nos ora gemebunda
soluçar o extremo *adeus!*

Adeus pois! mas entre os gelos,
tua mente virginal
devaneie! e em cada sonho...
inda lucido e risonho
te appareça Portugal.

Maio de 1858.

XXV

ENTRE OS CIPRESTES

Meu doce amor, quando eu morrer
has-de ir ao cemiterio,
ouvir as bravas harmonias
da lugubre soidão ;
o pranto longo e melancolico
dos mochos pelas arvores,
e ao longe nos reconcavos
os roncos do trovão.

A paizagem vasta e montez
que enrola o cemiterio
carranqueando muda em roda
ao tacito jardim
a aragem fria, o ceo grisalho,
vir-te hão, correios lugubres,
trazer só vãs memorias,
saudades vãs de mim.

E tu de negro, aqui, ali,
vagueando o cemiterio,
irás soluçando o meu nome
aos eccos funeraes.
Desgrenhada, attonita, oppressa,
mal acharás as lagrimas,
e irás pagar-me, extatica,
o teu tributo em ais.

Mas, ja tarde, quando assomar,
entrando ao cemiterio,
o cortejo breve e plangente
de amigos meus, então...
a rouca marcha lamentosa
que irá regendo o prestito,
os longos ais da muzica,
de insolita afflicção,

tudo repercutido alem
no fundo cemiterio
trar-te-ha como um descanço lugubre
num chôro bemfeitor.
Meu doce amor, quando eu morrer
vai ver-me ao frio tumulo,
ás horas em que o sol,
o campo, a ermida, os passaros,
tudo suspira amor !...

Maio de 1859.

XXVI

Á FORMOSA DONA LUIZA MEDINA

Entre a acceza harmonia, entre o pasmo geral,
grave, risonha, e toda festa,
eil-a! assoma no palco! ovante, divinal,
como um sol nado na floresta!

É ella! é ella! a nimpha, a silphide gentil,
que ora nos doira o firmamento!
É ella! e Lamartine a acclamara entre mil
poetisa tua, ó movimento.

É ella sim! Dir-se-hia ao vel-a, que traduz
a humanas fórmas ante o povo
o ideal de uma Ericynna, envolta em nova luz,
alvo sublime a culto novo.

É ella! applauso! applauso á esplendida visão,
que esperta a lyra dos poetas,

e, cultora do bello, é delle incarnação
nas fórmas suas mais correctas.

Oh! se da terra um dia a poesia fugir,
vereis que, muda e luminosa,
no ennevoado horisonte ha-de outra vez surgir
esta beldade portentosa.

E então, á terra fria almo vivaz calor
baixará fervido e jocundo;
e embevecido o vate em sons de ignoto amor
achará já sol no seu mundo.

Applauso, povo, á artista, á linda, á sem rival!
Grave, serena, e toda festa,
no palco eil-a! assomou, radiosa, imperial,
como um sol nado na floresta.

Julho de 1859.

XXVII

A UTOPIA

Gigante entre pigmeus, muzico utilitario,
nas caladas da noite agudo campanario
lança á terra em cada hora o som longo e profundo.
É a torre o utopista; é o silencio o mundo.

1859.

XXVIII

SAUDADES

Lembram-te ainda os sustos, as delicias,
do tempo em que eras minha?
quando eu desabrochava entre caricias,
todo esp'ranças e amor, todo primicias,
illusão, primavera?!
Meu doce amor! oh! quão feliz que eu era!...

Anjo! e tudo lá vai!... tudo! oh! supremo
desengano e impotencia!
o meu passado é cinza, é cemiterio;
em vão clamo e procuro!
fatal! fatal misterio!
e espreito em vão na funda consciencia
a luz do meu futuro.

Só trevas, ó meu Deus no ermo onde habito,
nesta soidão falseada de miragens.

Tudo lá vai... sumido nas voragens...
nos golphãos silenciosos do infinito.

Pensar que mais não voltas, doce encanto
da minha luctuosa adolescencia!
Para mim sempre a ausencia!
e nunca nunca mais... Vê, vê meu pranto!...
Pensar que dessa quadra as mil loucuras
segredadas ao vento;
as barbaras delicias,
que hoje são minha inveja e meu tormento;
cruas ancias de então, que hoje me encantam
se outra vez as recorda o pensamento;
pensar, Deus meu, que os férvidos assomos
sinceros e profundos
de enthusiastico amor, ardente, infrene,
cahos de nadas, que valia mundos,
tudo ahi jaz sem tornada!
e que esse *tudo* é hoje o olvido, o nada!...

Ao recordar... mil vezes
me affogam, me derrubam estas lagrimas!
Pungem-me, e eu amo-as sempre; dilaceram-me,
e inda as adoro, e quanto!
são teu sangue, e meu sangue, e o nosso pranto!

(Nunca o sabias tu); que vezes, mudo,
nas horas mortas, quando os mais dormiam,

fui mirar, do luar á luz soturna,
as janellas que ás tardes me sorriam!
o clarão da tua lampada nocturna!
as torres ponteagudas do mosteiro!
a lageada sonora portaria!
e entre as urzes da bronca penedia
ouvir os choros longos do ribeiro!

Que vezes não busquei sósinho as flores,
o campestre remanço, o monte, as arvores,
confidentes de amor aos meus amores!

Que vezes de mánhã, parando subito
de longe te não vi no teu terrado
sacudir, preparar, pôr ao ar livre
as aves teu desvelo e teu cuidado!
Que feitiço indolente
em cada gesto! em cada olhar! sorrias,
fallavas-lhes, brincavas!... Innocente!!

Oh! serena quadra aquella!
tu singela e descuidosa,
graciosa como as aves,
toda luz, toda harmonias,
reflorias sob o sol;
e como ave, em teus gorgeios
saudavas o arrebol.

Eu de longe, eu todo accezo,
curvo ao pezo da alegria,
em poesia me esfolhava,
me embalava ao som das brizas !
pobre arbusto ! pobre flor !
e era em versos que mandava
o meu preito ao meu amor.

Silencio !... escuta !... uma guitarra ! ouviste ?
alguma serenata ; algum descante.
Quanto nos diz entre o silencio triste
essa viola errante !

. . . . . .

Queixumes !... muito amor !... Dir-se-hia o mesmo
vago instrumento quérulo
que usavamos ouvir ; não t'o recorda?

. . . . . .

Cessa, guitarra, cessa, que espedaças
a fibra e fibra est'alma ! a corda e corda !
Guitarra ! oh ! por piedade,
cessa ! não mais !... É ella ! é ella a mesma !
Oh ! ceos ! oh ! soledade !

Do pinheiral nos seios intimos
some-se o plectro arrulhador.
Passou ! fugiu ! deixou-me extatico
na escuridão da minha dor !...

. . . . . .

O arrulhar da viola, ameno, aereo,
naquelles serões nossos tinha (lembras-te?)
a poesia das noites, o misterio
da estrellada cerulea redondeza!
Era luz! ria esp'rança! tinha aurora!
hoje... pranteia agoiro e cemiterio;
hoje... só diz tristeza.

Vai alta a lua cheia; ao longe a serra
esplende carrancuda; o ceo nubloso.
Toda a ternura que este amor encerra
sinto-a arquejar no peito procelloso.

Vem! vem! deixa adorar-te! aos braços trémulos
cai-me a cabeça, oppressa de anciedade!
e a mente espavorida adeja, ululla
nos abismos sem fundo da saudade.

. . . . . .

Fevereiro de 1860.

XXIX

NO CEMITERIO

Anjo meu, quando eu morrer,
has-de vir ao cemiterio,
conversar-me entre o misterio
da calada solidão.

Nos crepusculos de outomno
assentar-te irás nas brenhas,
a ouvir no eccoar das penhas
os ribombos do trovão.

Paiz duro, agro, escalvado,
emmoldura a estancia agreste;
digno portico ao cipreste!
digna scena aos mausoleos.

Eu, aos pés da tua Igreja,
a escutar teu campanario,

entre o somno funerario
sonharei anjos e ceos!...

Vai, nas horas da tristeza,
vai orar á minha campa.
A oração é como lampa,
em que esplende a etherea luz.

Voz feminea que aos seus mortos
leva a esmola do seu pranto,
é som magico e tão santo,
como a voz do bom Jesus.

Vai scismar co'o meu cipreste,
sentinella á morta rua;
alta noite, á luz da lua,
meu silencio meditar;

e has-de ouvir quantos segredos
te murmura o que ali poisa,
sob a paz da sua loisa,
da saudade extremo altar.

Desgrenhada, muda, oppressa,
vagueando a estancia morta,
nada o mundo já te importa;
só te encanta a solidão.

E eu, eu pária dos sepulchros,
se no emtanto ouvir teu nome,
renasci ! sou teu ! raiou-me
ceo na minha escuridão.

Prazeres, Maio de 1859

XXX

SALVE, Ó CINTRA!

Hontem á noite a serra, a serra umbrosa, extensa,
punha-me n'alma oppressa uma tristeza immensa!
Dos cumes, do luar, das arvores, do ceo,
desciam sobre mim como as sombras de um veo.
A noite amena, estiva, os sons da immensidade,
(oh! deixae-me dizel-o!) a saudade, a saudade,
da briza ardente e vaga as caricias sutís,
e a nocturna mudez (mudez que tanto diz!)
embalavam minh'alma em nuvens de poesia;
transportavam-me aos ceos da metrica harmonia.
Mudo, á janella, estranho ao mundo, alheio a vós,
conversava co'a serra; entendia-lhe a voz.
Vinha em balde o piano a chamar-me, a inspirar-me;
e eu em mim me buscava, e não sabia achar-me.

Mas fugiu co'a nova aurora
toda a nevoa da tristeza!

e já Cintra, a montanheza,
me sauda entre o arrebol.

Salve, Cintra! salve! Fira
no eccoar da serrania
este salve da poesia,
sob os ceos, que inunda o sol!

Agosto de 1861.

XXXI

UMA NOITE EM PRESENÇA DA SERRA

Pela franca janella entrava a noite,
recamada de estrellas, rescendente
á verdura serrana; a vasta sala
bebia a sorvos largos poesia.

Junto a nós o piano, a dança, os versos,
os nadas de salão. Lá fóra, Cintra
e o ramalhar das arvores; as penhas
e a lua.

Eu junto a ti, deliciado
na melodia da tua voz, dizia-te
versos e devaneios; elevavas-me
ás altas regiões da phantasia.
Eras a minha Musa; caminhavas;
cada phrase era um passo; e cada passo
nos afastava o mundo. Iamos longe,
muito longe dos frivolos.

Paraste ;
disseste : « Quem me dera a voz e a lyra,
« qual sinto a inspiração ! A gloria ! a gloria !
« Ver, ouvir, e ser muda ! atropellarem-se-me
« dentro no peito oraculos de fogo...
« sem acordar na abobada um só ecco ! !... »

Pintar-te assim, formosa,
pintar-te arrebatada
como uma pythonissa,
sonhando a gloria, alando-te ás alturas
dentre a povoada solidão de um baile...
maior, mais bella entre o piano e a muzica...
não ! pintar-te não posso. Rasgo a tela ;
espedaço a palheta.

Ja no emtanto,
por traz da alta Peninha, entre os cabeços,
ia a esconder-se a lua. Era um crescente
pallido e sonolento. Uma varanda
rasgada ao pé de nós dava de face
na paizagem. Mostraste-me
co'a branca mão a serra escura ; ao longe
plainos ; mais longe mar ; mais longe brumas
no marinho horisonte ; e silenciosa
julguei ver uma lagrima furtiva
annuvear-te o olhar. Oh ! que poesia !
quanto amor ! que de versos nessa lagrima !

Porque vens pedir poemas
a quem só palavras rima,
se a ti mesma assim te anima
sempre ardente inspiração!

Para ouvir phrases supremas
candescentes de lyrismo,
fita ouvidos sobre o abismo
do teu proprio coração.

Agosto de 1861.

XXXII

CANTO DE SAPHO

VERSOS IMITADOS DO ITALIANO, DE LEONE FORTIS, E RECITADOS PELA EXIMIA ACTRIZ PORTUGUEZA EMILIA DAS NEVES E SOUSA NA NOITE DO SEU BENEFICIO E NO PAPEL DE GABRIELLA DE TESCHEN DO DRAMA CORAÇÃO E ARTE 4 DE ABRIL DE 1866

ALCEU.

. . . . . O grego circo
vedado á actriz.

SAPHO.

Vedado! e quem se atreve?
Vedado! a mim?! Alceu, vem, se ousas tanto;
e vinde todos vós. Roubar-me a lyra!!!
quem n-o ousa? ella é tão minha! as suas cordas
gottejam pranto e sangue meu. Calae-vos,
impios! vem, meu thesoiro! eu, eu defendo-te.
Vou cantar. Escutae-me.

Cantar! mas sinto n'alma um desconforto!
um desalento! uma melancolia!

Que importa? ao menos sólto ja sem lagrimas
as azas da harmonia.

Gloria ! oh ! gloria ! vem ! invoco-te !
Por ti só...
Mas que é a gloria?
são as palmas? a victoria?
que estrada á gloria conduz?
É a gloria um nada eterno.
Ai dos que ella predestina !
ai das frontes que illumina
o esplendor da sua luz !

Abrazado tenho o estro ;
tenho est'alma numa pira.
Ja sussurra a minha lyra !
este fogo que me inspira
nasce aqui : no coração !
é a angustia; em cada fibra
salta e vibra ignoto nume;
mas na dor que assim me assalta,
mais se exalta a inspiração !

Gloria ! gloria ! e por ella os embates
contrastais da fortuna e da sorte !
e surgís e voais aos combates !
e arrostais mortes mil numa morte !

Gloria ! gloria ! e por ella (oh ! demencia !)
pude, acceza num santo furor,
dentro nalma affogar toda a ardencia
de um primeiro, de um férvido amor ! !

Amor ! palavra magica !
amor ! chamma celeste,
que os nossos ermos intimos
de almo calor reveste !

Amor ! troca dulcissima
dos corações,
que entre gelados páramos
brota volcões !

Amor ! vi-te ; sorrimo-nos ;
mas, rival tua, a gloria
arrebatou-me a subitas !
de ti logrou victoria !

Amor ! amor ! abraza-me !
côa-me a fluz
na minha mente gélida
calor e luz.

Ignora o que é viver, quem jaz liberto
das deliciosas penas dos amores ;

o mundo é-lhe um deserto,
sem sol, sem ar, sem flores!

Entre as danças attonito, orphanado,
passa qual sombra errante e foragida.
Maldiz as leis do fado!
descreu da propria vida!

Se olha, não vê; se o chamam, não responde;
clama, e ninguem n-o entende; hesita, e passa.
Chora, foge, e se esconde
nos antros da desgraça.

Mas ressurge vivaz, altivo, esplendido,
se um matutino albor
lhe traz como um relampago
um raio só de amor.

Amor! palavra magica!
amor! chamma celeste,
que os nossos ermos intimos
de almo calor reveste!

Amor! amor! abraza-me!
côa-me a fluz
na minha mente gélida
calor e luz!

Lisboa, 1861.

XXXIII

ELLE ET TOI

A MADEMOISELLE CLÉMENTINE P. P. DE C.

Le vaste ciel couvert de voiles
Grondait, tonnant au loin sur le vague des monts.
La raffale sifflait ; la lune sans étoiles
Rôdait sinistre aux horizons.

Alors Elle passa ; la bise
Soufflait ; au vieux portail un pauvre alla quêter.
L'orgue chantait ; la vieille église
Dressait son dôme sombre, et la voyait passer.
J'avançais, la prenant pour guide ;
J'étais sans foi et sans soutien ;
J'avais perdu l'amour, je ne trouvais plus rien
Au fond de mon cœur, que le vide.
Mais au sein de ces sombres lieux,
Cette apparition ralluma tous mes feux.

Quand je la vis, je ne vis qu'elle!
Le plus beau jour succède à la plus sombre nuit.
Mon avenir rayonne et luit !
Elle m'anime! elle m'appelle!
Tout change! et ce puissant soleil
Fait bouillonner l'amour en mon cœur solitaire.
Moi, qui pleurais encor, je souris. Sur la terre
A mes yeux tout fleurit. Oh! charmes du réveil !

Alors, quand j'adorais l'image aérienne,
Chaque soir, en creusant au fond de mes pensers,
J'y retrouvais aussi la tienne,
Ainsi qu'en un lac sombre une clarté lointaine
D'un feu perdu dans les halliers.
Je ne te voyais pas, mais je t'aimais en rêve ;
Je t'attendais tout plein des plus tendres émois,
Comme la lune, qui se lève
Sereine et rouge au fond des bois.

Aujourd'hui, que je vois ton cœur à nu, ton âme
Riche comme un trésor, douce comme une femme ;
Aujourd'hui qu'en mon ciel brille enfin le bonheur ;
Je chanterai pour toi, sa sœur et son amie ;
Pour toi, mon amie et ma sœur ;
Pour toi, qui ceins ton front de la double splendeur :
De jeunesse et de poésie.

Mars 1862.

XXXIV

DEPOIS DO BAILE

— FRAGMENTO —

I

. . . . . .

Recorta-se em caprichos phantasiosos
na tela do horisonte, á luz da aurora,
o perfil de Lisboa adormecida.
Cheguei do baile agora;
mas inda a minha mente embevecida
ouve a fogosa orchestra; corre, espraia-se
na acceza, na saudosa immensidade
do baile que passou.

Longe da turba,
das estridentes rumorosas sallas,
longe daquelle cahos delicioso,
das quadrilhas, das valsas arquejantes,

longe de ti, minha visão celeste,
eccôa o baile em mim;
todo o meu peito vibra;
uma saudade, um gozo,
palpita em cada fibra;
festivo luminoso
restruge na minh'alma
um temporal de amor, que nada acalma.

. . . . . .

Baile! não era baile; era um delirio;
um turbilhão de dança e melodia;
um eden perfumado e innebriante;
um ceo de luz, de amor, e de harmonia!
Lá te vi, toda mimo e toda graça
entre as mil, que eu não via.
Junto ao longo tremó, qual pensativa
melancolica estatua da saudade,
presente inda a memoria te figura.
Oh! mas não toque a musa
nessa viva escultura;
o encanto della, a forma peregrina,
o garbo divinal,
sim; tudo isso em si mesma acolha-o, pense-o,
e o que a lyra não diz... diga o silencio.

Vi-te; e logo os teus olhos faiscando
na minha phantasia,
mostraram-me á sua luz um mundo novo,

desconhecido mundo,
floreo jardim, balsamico e profundo.

Era um vasto jardim, que illuminava a lua;
na calada da noite ouvi-te suspirar;
cheguei, fugiste; e ao longe a vaga sombra tua
sumiu-se nos rosaes, nem mais te ouvi passar.
Buscava-te entre as arvores,
e não te achava;
chamava-te entre supplicas,
mas tudo em vão.
A cada passo, attonito
ver-te julgava,
e bemdizia fervido
cada illusão.
E no meu desconsolo eu perguntava ás rosas:
« Sumiu-se a vossa irmã? dizei-m'o vós, formosas! »
E era sonho, e illusão; perdeu-se a imagem tua
do meu vasto jardim, que illuminava a lua.
. . . . . .

II

Mas passa a noite, e esgota-se entre a festa.
Da pallida alvorada
já pela alta vidraça, gottejada
de orvalhos cristallinos,

resvalam sobre a dança ardente, infrene,
os primeiros albores matutinos.

. . . . . .

Reina o delirio, a confusão nas sallas.
Pelo chão... rosas; deserção nos grupos;
desflorídas as galas;
nos rostos abatidos
a descorada insomnia; e já nas almas
a languidez dos candelabros ermos.
Nem se sabe se as luzes
infiltram sobre a turba um somno languido,
se a deserção da turba o inspira aos lustres.
Nos desvãos e nos tectos
começam trevas a aninhar-se; é a hora,
alevanta-se a festa.

III

Mais um momento, e finda e esquece o baile.
Pelos ermos salões, sem sons, sem vida,
alastra-se o silencio.
Os espelhos, radiantes ind' agora,
só reflectem penumbra.
Da confusão, do estrepito, dos risos...
resta um salão cego e infecundo. Oh! baile!...

IV

Nunca viste, ó meus amores,
quando sobre a varzea amena
surge, placida e serena,
ao cair da tarde, a lua?
Pois assim cresceu nest' alma,
ao findar do baile, a candida,
a graciosa imagem tua.

Como a lua, ergueu-se, alou-se,
luminosa, diamantina,
e acclarou co'a luz divina
todo um mundo de illusões;
todo um mundo de desejos,
todo o mundo do phantastico,
que enamora os corações.

Amo; e sinto já nas veias
o calor da juventude;
já sussurra o meu laude,
qual sensivel harpa eolia,
quando a beija a briza ardente,
que perfuma o golfo a Napoles
de jasmins, loiro, e magnolia.

Amo! e creio-me ir subindo
pelo templo da Memoria;
vasta auréola de gloria
por mim mesmo á fronte impuz.
Já sou vate, e ao pé dos vates
lá campeia a minha estatua,
que illumina a tua luz.

Oh! mas longe a incerta imagem
de um tal sonho fugitivo!
Por ti sei, que prezo vivo,
e os grilhões aperto e beijo.
Ouve, escuta a minha prece,
e a teus pés as minhas supplicas
vão nas azas do desejo.

Cada noite, muda, absorta,
ante a abobada profunda,
que estrellada nos inunda
num lethargo bemfeitor,
« Foi por mim — dirás — que o vate
« accendeu seu estro subito
« num volcão de ignoto amor. »

Foi por ti. Graças! mil graças!
Vês? á esplendida cidade
já do sol a claridade
trouxe a festa, a gala, o dia.

A ti, que és um sol e um nume,
a ti, que és o sentimento,
a ti, que és a melodia,

a ti, que és minha muza e minha inspiração,
a ti, que és uma estrophe, a ti, que és um poema
da lyra omnipotente, em que a Divina Mão
compõe, modula, anima a poesia suprema,

bastou, para acordar todo o meu estro,
chegar-te a mim, clamar-me; ouvi-te, e ergui-me;
como á voz do Senhor se ergueu de um tumulo
um Lazaro sublime.

Fevereiro de 1861.

XXXV

O ERMITERIO

Não sabes? descobri-te um ermiterio
á sombra de arvoredo;
todo risonho á luz de um ceo purissimo,
entre montes, searas, e vinhedo;
um ermo como os queres, e os sonhavas
antes de hontem no baile; um ermo alpestre,
mas verdejante; alegre, mas bem ermo.

Lembra-te o que dizias nessa noite,
minha rola? que noite! que delirio!
que festa! e que tristeza! que alegria
na festa! e que tristeza em teu sorriso!

Vinha o estrondo da muzica festiva,
a excitação das fallas, os perfumes
do tepido ambiente, a luz, as galas;
vinha isso tudo, vívido, presente,

bater-te ás sonorosas portas d'alma
sem lograr descerrar-t'as; como as vagas
contra a torre impassivel, que as recospe,
jorros de espuma inerte. Vinha o baile
provocar-te co'a trêfega quadrilha,
co'a valsa rodopiante, perpassando
por ti como visões da phantasia;
vinha eu; vinha tudo. E tu, serena,
triste, pallida, e só, qual pensativa
candida estatua de mortal saudade,
lá num recanto escuzo me dizias:
— « Oh! quem me dera um ermo, onde eu podesse
« acoitar a minh'alma!
« e a morte! oh! quem m'a dera! — « A morte? — « A morte;
« sim; só a morte acalma. »

E muda reclinavas a cabeça.
E eu dizia: — « Succumbes,
« minha estrella? succumbes? moça e linda
« fenece-te a esperança! tu succumbes
« entre a festa da vida, agora, agora,
« quando tudo te ria, quando entrava
« a adolescencia em ti, como uma aurora!
« Succumbes? eia! anima-te; desponte
« na tua alma sombria
« outra vez um só raio da poesia;
« renasce para o estro;
« inunde-te o amplo sol das artes bellas,

« como o sol que desponta inunda a salla
« (não vês?) pelas esplendidas janellas.
« E verás que a tristeza que te opprime,
« a teimosa tristeza, ha-de deixar-te;
« e verás (oh! condão da mocidade!)
« viçar com seiba nova
« o teu jardim frondoso,
« as vívidas roseiras,
« os teus jasmins, as tuas laranjeiras.

« A alegria ha-de tornar
« ao teu rosto pensativo,
« e has-de achar novo attractivo
« cada dia em jardinar.

« Seu perfume, ha-de o jardim
« como um himno ir offertar-t'o,
« e ir-te o pallido jasmim
« espreitar
« á varanda do teu quarto.

« Verás, verás ao som do facil metro
« no teu rosto florir vivaz saude.
« Animo! não succumbas. Nasce o dia;
« retoma o alaude.

« Que é da lyra, poetisa? onde a perdeste?
« quem t'a furtou? quem t'a furtou da mão?

« a lyra donde o estro ao ceo subia
« nas azas da canção?

« A lyra, onde arrobada modulavas
« mil queixumes de amor co'a voz presaga,
« ante a profunda abobada das noites,
« misteriosa e vaga!

« A lyra, teu abrigo e teu refugio
« nas infecundas horas da tristeza,
« quando cavavas muda lá nos intimos
« da interna natureza!

« A tua companheira, quando ás tardes
« ias cheia de extatica poesia
« buscar longe ás ermidas solitarias
« a santa Ave Maria!

« A tua guia, á hora em que, fugindo
« do positivo mundo as regiões mortas,
« ias, etherea, ovante, acceza de estro,
« bater do ideal ás portas!

« Que é da lyra, poetisa? onde a perdeste?
« quem t'a furtou? quem t'a furtou da mão?
« a lyra donde o estro ao ceo voava
« nas azas da canção? »

Calei-me. O que eu dissera eccoou fundo
na tua alma sombria.
Vi-te olhar-me, sorrir-me, e retomar-te
fatal melancolia.

Mas hoje, que dirás, vendo o ermiterio
que sonhavas ness'hora?
Existe; é para ti; já lá te aguarda;
vais vel-o; animo agora!

Lá entre a Luz e a mistica Odivellas
corre um valle isolado,
alegre, e tão feliz, que lhe não chegam
sons nenhuns do povoado.

Tapisam-n-o hortas; matagal florído
as escarpas lhe veste.
Brilha o sol; reina afoita a liberdade
naquelle seio agreste.

Lá no fundo do valle um ermo existe,
um casalinho ameno,
descuidoso, esquecido entre a verdura,
humilde, mas sereno.

É ahi. Se algum dia um viandante,
se um ~~descuidoso~~ artista, /vagabundo
descendo a encosta, acaso lá no valle
entre os vergeis o avista,

co'o seu regato, as suas oliveiras,
o chão tratado de horta,
o breve cannavial, o pateo, a casa
co'um freixo erguido á porta,

ha-de deter-se o viandante; o artista
abrir o lapiceiro;
e hão-de ambos suspirar: oh! valle! oh! campo!
supprís-me o mundo inteiro!

Vai; desce o umbroso atalho, que entre cômoros,
cavado, ermo, tranquilo,
te vai pôr ante o adito singelo
daquelle manso azilo.

E eil-o o amigo portal, que ensombram heras,
aberto e prasenteiro.
Entra. No pateo, arrulhos te dão logo
um — *salve* — hospitaleiro.

A immensa paz deste risonho albergue,
tão rude e tão sincero,
ha-de acalmar-te ess'alma toda fogo,
e reflorir-te, espero.

E como resistir-lhe, ouvindo em torno
desse amigo tugurio
aves, abelhas, muzica de folhas,
o campo, e o seu murmurio!

Depois, os teus passeios ao ar livre,
entre o olival e a messe,
á tarde, a ouvir na ermida a Ave Maria
como uma infantil prece!

Depois, o poetar, livre, fecundo,
a poesia bucolica;
deixando muda, antes quebrando á lyra
a corda melancolica!

E depois as leituras no silencio
de um serão de invernia!
Oh! só pensando em tal... sinto em meu peito
um mundo de poesia.

De manhã dares tu, tu propria, o milho
ao teu povo esvoaçante
da capoeira e do pombal; á tarde
lá no aprisco balante

ordenhar, recontar esse outro povo.
Toda a noite levada
num somno bemfeitor. E no outro dia
a fresca madrugada!

Oh! gozar num tal sitio uma tal vida
é quasi um céo na terra!
Vai, vai gozal-os, anjo; amor, saude,
esse ermo tudo encerra.

Adeus, monja do baile; a tua lyra
invoque o estro, e espere-o;
e dize : — « Ermita sou da poesia;
« e o vate descobriu-me este ermiterio. »

Abril de 1861.

XXXVI

PERANTE O INCENDIO

Cheguei, ardia tudo. A labareda
revoluteava; a fumarada erguia-se
co'o pallido clarão sobre ruinas
aos montões; desabavam as paredes;
o tecto desatava-se, entre estrepito,
confusão, vozeria. Inda oiço tudo
nos eccos da lembrança, entre o silencio
e a immensa paz do campo adormecido.
Sob um ceo puro e azul vejo inda ao longe
o sinistro clarão por entre as arvores
da sombria alameda; e inda estremeço
ao lembrar-me... (oh! terror!!) quanta memoria,
quanta saudade ali vivia! e quantas
um repente apagou.

Lá no horisonte
chorava um sino; a torre sentinella
invocava soccorro; a luz vermelha

affogueava-lhe a grimpa. Eu mudo, atonito,
scismando, preza a voz e os movimentos,
pasmava! e nem clamava, e nem corria!...

Padeci muito! oh! muito!...
— « Alem — pensava —
« era o salão do baile; a seda, os lustres,
« os espelhos, a turba... que mão barbara
« os sumiu? Esta escada! aquella abobada!
« aquella galeria! esta varanda!
« Deus meu! não foi aqui?... já demudado
« tudo!... Aqui, nesta sala, a encontrei muda,
« sósinha. Ali, daquelle canto, ouvi-a
« passar no turbilhão da dança infrene.
« Naquelle limiar parei suspenso.
« Ali... um seu sorriso... Oh! tudo chammas! »

Em cada canto, em cada labareda
me apparecia a tua imagem candida!
vagueavas a ulular sobre destroços
como o espectro saudoso e foragido
das castellãs do Rheno. Ia chamar-te...
fugias; retrahia-me... alongavas-me
os braços nus. No meu febril delirio
os rugidos do incendio figuravam-se-me
vozear de salões! riso! enthusiasmo!
sinfonias no vago! orchestra! baile!

Por toda a parte a idêa negra; morte,

ruina, assollação ! e uma saudade
immensa, e uma agonia horrenda e funebre !

Agora, isto. Depois... depois, só sarças
virão brotar, viçar neste ermo inhospito !
Por tecto, os ceos ! umbraes boquiabertos !
um portico alagado de terriça !
sobre as muralhas rotas cardo alpestre,
hortiga solitaria, hera vetusta!
Mais nada. Algum pastor virá sósinho
ao derrocado alcáçar, e co'a frauta
ha-de acaso acordar o ecco dormente.

E os archotes corriam ; e os clamores
atroavam as abobadas; o incendio
rugia e bracejava ; as linguas lubricas
da intensa labareda a um lado, a outro
silvavam, contorciam-se, estrallavam.
O ceo torvo e arroxeado, entre o vermelho
faiscar do lume entremostrava estrellas.
Sinistros, sanguinosos, os oiteiros
espreitavam de emtorno. Eu junto ás arvores
sentia-me afogar em dor insolita.

E dizia comigo entre soluços :
— « Meu Deus ! e é pois verdade ! e o que era ha pouco
« um eden festival é hoje o inferno !...
« Onde riam as artes, e á porfia

« a muzica, a pintura, a estatuaria
« cumulavam trofeos, zune hoje o incendio ;
« e amanhã... nem o incendio ! amanhã trevas !...
« amanhã paz medonha, e esquecimento ! .. »

Cai tudo. Tudo esquece. Este palacio
que ora vi, remoinhado, aniquilado
pelo incendio voraz, lembra-me um tumulo.

Quando á noite vier rompendo a lua,
ao seu baço clarão sairão do bosque
silphos, gnomos, capripedes, alados,
as bruxas, os anões, as feiticeiras,
todo o pessoal satanico da selva,
errante grei, furtiva e transparente.
Só as chorêas pallidas do monte
hão-de atrever-se á tetrica penumbra
destes ermos salões. Algum viandante
que ouse a furto espreitar, ha-de encontral-as
no bravo redemoinho, ao som phantastico
de algum flautim perdido na distancia.

Quando vago entre as campas, sempre scismo :
Tanta esp'rança doirada ! tanto aninho !
tanta belleza ! e tanta mocidade !
oh ! loisas ! para que? no chão dos mortos
tudo que ha pouco triumphou na vida !
e as flores a viçar entre os sepulchros !...

Assim és tu, pobre theatro mudo,
cego, e surdo, sepulto entre estas arvores,
que te viram de noite illuminado,
e invejavam as festas do teu dia.
Tu, morreste ; ellas vivem, ellas zumbem,
embalsamam, bracejam, riem-se, amam ;
ellas, filhas de Deus, e gloria delle.

Adeus, vasto moimento, onde a saudade
sósinha mora, entre a cortina de arvores
a scismar no passado ! adeus ! e esquece-me !
Morre em ti boa parte da minha alma !

. . . . . .

Afastei-me. O clarão se esvaecera ;
raiava outro clarão : a madrugada.
As arvores soturnas da alameda
espreitavam de em torno ; eram gigantes
cyclopicos e horrendos, meneando
ao som do vento a juba sanguinosa
como em nutos immensos, descompostos.
Ao fundo do horisonte um sino apenas
não sei que maguas intimas chorava.

Laranjeiras, Setembro de 1862.

XXXVII

O VIVER CAMPESTRE

— CANÇONETA PASTORIL —

Que noite amena e placida !
Vai alta a casta lua,
co'a pallidez etherea
na linda face nua.

Cantae, pastores simplices ;
cantae ! que noite amena !
casae co'os vossos canticos
a branda agreste avena.

Nós somos contentissimos,
nós somos pegureiros,
habitadores unicos
dos ermos dos oiteiros.

Aqui, ao santuario
da nossa pobre herdade
nem chega um som longinquo
da turbida cidade.

Lá, na cidade, os odios
diz que desgastam o homem;
cá só de amor as ancias
o alegram, e o consomem.

Lá, diz que tudo é marmores,
tudo é voraz grandeza;
cá temos sombras, arvores,
ceo franco, e a natureza.

Ao romper d'alva alegram-se
os pobres casalinhos;
por beirados e cômoros
cantam, pipílam ninhos.

Depois, quando o sol arido
os longos campos cresta,
zune a cigarra quérula
na ardente hora da sésta.

Depois, quando o crepusculo
do ceo já baixa aos cumes,

exalam as planicies
dulcissimos perfumes.

Oh! como á noite erguendo-se
do mar a lua cheia
alegra ermida e plátanos
desta risonha aldeia!

Cá, surge franca e limpida,
brilha serena e pura;
cá mira o rosto n'agua
tremendo entre a verdura.

Lá, como a medo, timida,
a furto é que allumia
o rumoroso dédalo
da basta casaria.

Cantam poesia e muzica
nestas profundas selvas;
dançam nos plainos flóridos;
dormem nas brandas relvas;

choram nas fontes rusticas,
scismam nas solidões;
e, o que é melhor, aninham-se
aqui: nos corações.

Oh! poesia, illumina-nos
na maga ardencia tua.
Vai alta a noite, e esplendida
lá sobe a casta lua.

1862.

XXXVIII

ALVORADA DE PRIMAVERA

Lá por baixo entre as gésteiras
anda a cantar pintasilgo ;
entre as nossas oliveiras
o sol rompeu claro e ameno ;
puros ceos, o mar sereno,
a madrugada louçã.
Saltam de gosto os cabritos ,
cantam mais os passaritos,
cantam mais esta manhã.

Que é isto hoje? a amendoeira,
dos bons dias mensageira,
já branqueja ! entre o silvado,
anda a abelha a zombetear !
Querem ver que esta alegria,
este romper desuzado,
esta doce melodia,

este sorrir e papear,
é já dona primavera
que nos anda a namorar!

Vem! e fujamos ao mundo!
Aquelles montes azues,
aquelle esplendido mar,
aquelles pinhaes tafues,
estão mesmo a enfeitiçar.
Não sei o que anda pelo ar;
que fulgor! que flores estas!
sim; queres ver que estas festas
são a occulta primavera
que já nos quer namorar!

— Que adivinhei? — Pois bemvinda!
bem sei que estamos no inverno;
mas esta alegria infinda!
Oh! bemdigâmos o Eterno!

Dá-me um lapis e uma pasta;
e vamos áquelle oiteiro
desenhar o alegre arneiro.
Como tudo chega e basta
a quem sabe ser feliz!
Esse sorriso me diz
(o sol! ai! quem sempre o dera!)
que entre a vaga cerração

entrou tambem primavera
dentro no teu coração.

Oh! bemvinda! é certo; é ella!
pelas arvorinhas novas
vejo andar as tutinegras
a saudar o sol já puro.
Pelas leiras encharcadas
andam os bois á lavoira;
oiço-os de traz desse muro.
Vêm-me as saudosas cantigas,
e o balar de uns cordeirinhos,
e o chilrear das raparigas,
e um sino ao longe na ermida!...
Oh! vem comigo, querida,
vem comigo esta manhã;
que neste ceo de Janeiro
entre essas cortinas de hera
já vejo a rir-me a tua irmã,
a tua irmã primavera.

Janeiro de 1863.

XXXIX

TU E O SOL

Não vês o sol que illumina
todo esse campo de flores?
Pois, como o sol na campina,
assim raiam teus amores
nesta minha escuridão.

Essa fragrancia, que ao vento
solta o prado, esses cantares,
todo o inefavel concento,
toda a muzica dos ares,
tenho eu no meu coração.

O sol rebenta verdura,
frutos, folhedo, abundancia;
faz o arroio que murmura,
dá ventura, dá fragrancia,
brota selva e rouxinol.

Em mim sinto, absorto em pasmo,
desde que em teu sol me inundo,
o mesmo vivo enthusiasmo,
o mesmo viçar jocundo
da campina ao novo sol.

São estas phrases sem fito,
este arfar, esta ternura,
este assomo ao infinito,
esta indizivel premura,
este almejar ao Creador!

Brilha pois, sol, entre as flores.
O teu brilho accende e gera.
Oh! que bonança e que amores!
oh! que doce primavera
no paraizo deste amor!

Agosto de 1863.

XL

A CHEGADA AO MOSTEIRO

— FRAGMENTO DE UM POEMA INCOMPLETO E INEDITO —

. . . . . .

Cheguei ao seu Convento, era sol posto,
uma tarde de outomno ; triste ; mudo.
Avergava-me um pezo ignoto ; immenso !
Fui bater ao portal.

Frey Luiz, o velho
do borel negro, abriu ; conheceu logo.

— És tu? — gritou — Bemvindo ! falla ! falla !
saudou-me alvoroçado ; entre as mãos tremulas
levantou a lanterna, e entrámos juntos
na lageada sonora portaria.

Acolhença, a usual : a de Mosteiro :
ar, singelo e christão ; rostos, os mesmos ;

o mesmo annoso claustro; as mesmas Cruzes;
os mesmos frios graves corredores;
a mesma fé, e as mesmas sepulturas.

— Noticias! — bradou logo em sobresalto
Frey Luiz. — Oh! — tornei eu (e a voz tremia-me,
e ia desfallecer) Animo! é grande
só Deus. Vamos ao templo orar... por ella!... —

— Por ella? — brada o monge — ella?! impossivel. —

Encarou-me pasmado; riu; cambiou-se-lhe
logo o aspecto em pavor. Louco! está louco.
Mas... toma-se-lhe a voz, vencem-n-o as lagrimas,
desata-se a chorar. Salvo! está salvo.
Caiu-me a soluçar o ancião nos braços,
a soluçar, e a soluçar ficámos.

Abriu-se a porta grande, e penetrámos
a passo e passo, humildes, quasi a medo,
na vasta nave austera, augusta nave
amiga e festival, onde entra rindo
o sol cada manhã, e onde a serena
paz do Mosteiro habita.

Era sol posto.
Nem viva alma no templo. Ao longe, occultá
no sacrario, ou sumidá lá no vago

da archivolta, ou sepultô como trevas
entre os desvãos do côro, alguma coisa
dormia ; alguma coisa eterna, immensa,
divina ; o quê, não sei ; mas lá dormia,
é certo. Quando entrámos, o silencio
nol-o disse.

Entre o vago da penumbra
surgiam como espectros nos altares
as effigies sagradas, que incendia
o vermelho fulgor dos lampadarios.

Dissereis que o silencio enchia o templo
a trasbordar. Que immensidade, ó alma !

A torva escuridão do alto cruzeiro ;
das tocheiras a dubia luz ; na ogiva
inda um vago clarão, como o dos ultimos
pensamentos de um justo ; eis a linguagem,
com que ao som da solemne Ave Maria,
naquella hora suave do crepusculo,
todo o templo ressoava : — Eternidade !

Tornava ao monge a pouco e pouco o alento ;
via-o reflorescer ; gozar. O escuro
daquella alma tão triste e macerada
casava-se no fundo co'a tristissima
religiosa mudez do templo. — « Oh ! graças

« Graças, Deus meu! » — disse eu. E bemdizendo o Altissimo
da insolita mudança,
ajoelhámos na lagea. Abriam-se, cresciam-nos
na mente a fé, a esp'rança!

« Religião! » — disse o velho entrando á nave mistica.
E mais não disse. Ao longe
entre as sombras vibrou na artesoada abobada
a voz senil do monge.

Saímos, já no mar subia a lua candida
por traz de um campanario,
como a resignação na mente escura e tacita
do pobre solitario.

Agosto de 1862.

XLI

DEVANEIO

Cai-me das mãos a tremula palheta;
não posso trabalhar.
Vêm-me assomos de lagrimas aos olhos;
e ponho-me a scismar.

Scismar! oh! como é vago!... Atonito o pincel
deixa em meio o debuxo. O esboço do painel
desfralda-se ante mim com ceos azues profundos,
pinhaes sem fim, nebrina onde a alma avista mundos.
Alem passa um regato; alem um pegureiro;
longe alveja um casal; aqui viça um oiteiro.
Traço confuso. O tudo, e o nada; o sim, e o não;
a prima idêa; o jacto; o fogo; a inspiração.

Nessa contemplação minha alma absorta pensa;
e paira, arrebatada á solidão immensa.
Á meia luz da estancia, á luz da chamma interna,

vejo o campo; e a sua vista aviva-me mais terna
a saudade de então.

Então! quando? não sei.
Foi um tempo feliz; um tempo que passei
aos pés della, embalado em nuvens de delicias,
doido de immenso amor, cercado de caricias;
todo seu, todo luz, todo esperança e festa.
Hoje. . de tanto amor, pergunto, o que me resta?

Porque não tornarás ao meu ermo, anjo lindo?
oh! torna! aqui te aguarda amor; o mesmo; e infindo;
o mesmo coração; a mesma paz serena;
a ridente alvorada; a longa tarde amena;
a soidão que te deu saude, amparo, abrigo;
e entre os mesmos vergeis o mesmo tecto amigo.
Volve! o mosteiro é um ermo; o teu piano é mudo;
já não se ouve no côro essa voz de veludo,
tão grata ao nosso Deus, tão moça e tão suave.
Faltas-me nos pinhaes, faltas-me sob a nave.
Busco-te, e não te encontro. Oh! volve! a minha lyra
geme, sussurra em vão. Meu estro em vão suspira.

Faltas-lhes, como falta ás rolas do pinhal
a sua providencia, a tua mão virginal,
que até á ave do ceo lograva (oh! saudade!)
espargir dadivosa a tua caridade.

É lastima assim vêr-me, e deixar-me finar,

sem que um sorriso teu me venha acompanhar.
Vem ! restitue-me ao sol ! presta-me o teu conforto.
Entre o livro e os pinceis exhauro semi-morto
esta vida fallaz. Vem, torna, Primavera !
Anciosa minha alma a cada sol te espera ;
e ao trasmontar do sol este esperar não finda.
Cresce a noite, e no escuro eu velo, e espero ainda.

Lisboa, 18...

XLII

PRECE MATUTINA

O sino matinal acorda os eccos ;
vai a sumir-se a estrella matutina ;
é a hora da oração. De joelhos, alma !

Hora solemne ! em toda a redondeza
tròa a voz da manhã ; rompem os hymnos
ao autor do Universo. Escuta ! Admira !
É a luz a oração que o sol lhe manda ;
o ramalhar das copas da flóresta
é a oração dos ares ; os perfumes
são o incenso das arvores. Rebenta
a fluz, de toda a parte, este concento
de harmonia indizivel, sobrehumana.

Nós, sósinhos no vizo deste oiteiro,
fóra de terra e ceos, no arrôbamento
deste amor que me inspira e nos melhora,
cantemos gloria ao Deus que fez o dia.

Como o dia, que surge entre esses pincaros,
clareia o teu porvir, meu doce archanjo,
co'a vaga luz da proxima ventura.
Já o sentes luzir nessa alma attonita,
como o sol no fantastico horisonte.

Rompe a luz; as esplendidas montanhas
ennevoadas, enormes, as planicies
verdi-claras de fulgidos tapetes,
as solitarias silenciosas margens
que borda o ciprestal entre salgueiros,
todas restaura o sol, que dentre as brumas
do claro oceano rutilando emmerge.
Animo! é nado o novo dia; a noite
é o sonho, e fugiu. Que importam sombras?

Vem, dá-me a tua mão, essa mão candida
que me esforça, e me anima. De joelhos,
e oremos. Esta aurora é-nos o templo.
Deus lá do alto nos ouve, e nos escuta.

Campo-lide, Setembro de 1863.

XLIII

NO ERMO

Já viste, quando á noite o esplendido luar
inunda o bosque e o monte, e ao longe, ao rez do mar,
vai trémula mirar-se a lua entre o fraguedo,
como tudo se anima, e recresce o arvoredo,
e se povôa o ceo de fúlgidas visões,
e se entreouvem sutís frautas nos corações?
Tal vivi, tal amei, quando a alva face tua
allumiava o meu ceo, placida como a lua.

Depois no amplo horisonte esmorece o clarão;
volveu-se inteira a noite; e rondando a amplidão
baixa a lua por traz dos oiteiros desertos.
Nem sopro pelo campo; os seus fanaes incertos
prestam-n-os ora a medo as estrellas no ceo.
A serra assim no escuro é vasto mausoleo,
onde se jaz dormindo um Polyphemo enorme:
Dorme toda a planicie, e toda a terra dorme.
Tal meu estro sem luz. Oppresso e na viuvez,

clama em roda de si ; responde-lhe a mudez.
Foi-se a lua, e deixou-me a tactear no escuro.
Sorrisos no passado ! illusões no futuro !
Em meio da jornada a estrada se truncou ;
e eu sem norte me vou, sem saber onde vou.
Sou como o viandante errabundo e sósinho
entre rochas a prumo onde não vê caminho.

Lisboa, 18...

XLIV

AURORA

Tu, cuja mão bemdita enflora esta existencia,
anjo, descança emfim : desfez-se a cerração.
Clareia o teu porvir; sorriu-te a Providencia.
Novo ceo; nova luz. Ávante, coração!

A provação foi agra; a mão de Deus occulta
veio trazer-te ao cabo os jubilos do amor.
Junto do teu, meu peito adora, entende, exulta.
Oasis que te acolheu, bafeja-o o Senhor.

Graças, meu Deus! a Vós me prostro e vos contemplo.
A Vós minha alma toda! a Vós meu cogitar.
Grande sois. Inda ha pouco orei no vosso templo,
e ajoelhei tanto de alma aos pés do vosso altar!

E és minha. Este arvoredo, a varzea, a penedia,
as muzicas do ar, os ceos, o prado em flor,

tudo em concerto o diz e o repete á porfia.
Minha! Arrasto-te ao ceo nos extases do amor.

Minha! Que outro me sinto á luz do teu sorriso!
quanto ceo dentro em nós! que delicia é viver!
Côa dentro em minh'alma alvor de paraizo.
Tanto amor fez-se em mim mocidade e prazer.

Vem! deixemos o mundo. Esta casinha branca
será pois nosso edén. Ao mundo, um longo adeus.
Chôro e riso! a ventura as lagrimas me arranca;
e o teu amor me eleva, archanjo, aos pés de Deus.

Lisboa, 30 de Dezembro de 18...

XLV

ENVOI D'UN VOLUME D'ANACRÉON A MON PÈRE

Des fleurs pour toi, Poëte. Anacréon me guide.
Puissé-je avec ces fleurs rappeler en ce jour
La lyre de Téos à la Muse d'Ovide ;
Et tes enfants à ton amour.

Lisbonne, 26 janvier 1866.

XLVI

NO CAMPO

Oh! dae-me o campo, e vereis
como me desato em flores!
Quando fujo da cidade,
cantam-me nalma os amores!
Vicejo e sou todo festa!
sinto abril no coração!
Co'o suavissimo condão
do seu ar livre e contente,
a campestre solidão
traz-me logo ao peito e á mente
alma, vida, inspiração!

Nasci para homem do campo;
não sou homem de cidade.
Nasci para as oliveiras,
nasci para a soledade,
para os fundos castanhaes,

para os choupaes e as ribeiras,
para os ermos ~~olivaes~~ ! pinheiraes
Amo os placidos verdores!
amo os amenos vergeis!
Oh! dae-me campo, e vereis
como me desato em flores!

Quinta da Corrêa, Maio de 1866.

XLVII

A PINTURA

— FRAGMENTO DE UM POEMA —

— INTRODUCÇÃO —

Queres, pintor novél, começar a adestrar-te
no emprego dos pinceis, nos usos da grande arte
que illustrou Raphael, Velasques e Murillo?
pois ouve. Á minha voz irás buscando o trilho,
descobrindo horisonte, e vencendo os oiteiros.

Rude pastor não raro aponta aos caminheiros
senda que entre pinhaes os leve a salvamento,
Tal sou eu.

Descançava a pastorear o armento;
flauteava na avena um canto pastoril;
vi-te passar. Reluz-te a fronte juvenil;
tens a esp'rança no olhar; e a senda não atinas!
transviado e só te vês entre as soidões alpinas!

o sol cresce, e é mister chegar antes da noite!
matto em redor; não vês albergue que te acoite,
e ante a selva sem luz caiu-te o coração.
Ouviste a minha frauta! avistas-me! um clarão
te luziu; veus; chegaste; inquires onde eu possa
apontar-te um caminho, um guia, alguma choça,
algum casal perdido. Annúo; eis-me comtigo.

Que demandas? a gloria?! É longe, é longe, amigo;
tarde lá chegarás. A encosta são pinhaes,
são penedos a pino; o ingresso, matagaes
que afugentam! Alem... um cabeço escalvado;
alem... um dorso; alem... abismo desfarçado,
que entre folhage occulto afunda o caminhante.
Mal sabes quanta força importa o ir avante!
que riscos! que pavor!

Mas galga-me esse monte,
mal presumes que edén! que esplendido horisonte!
descortinada a terra, e devassado o ceo!
o saber semi-nu, despindo o ultimo veo!
tudo azul! Deus, sim Deus, a abrir por toda a parte!
Tal é, tal deve ser, o cume da grande arte.

Vai pois; o nobre ardor não te fallece. A sciencia,
essa o trabalho a alcança; ávante! busca, e vence-a.

Eu mal posso indicar-te a estrada pela terra;
o mais... pertence a Deus. O arcano onde se encerra

o sacro fogo, o fogo eterno, omnipotente,
o fogo que destroe, restaura, e cria, — a mente
a ti proprio o dará. Cresce, e maneja dextro
lyra, escopro, ou pincel; o fogo chama-se estro;
o fogo é o genio; o fogo has-de encontral-o em ti.
Mão Suprema ao nascer t'o pôz no peito; aqui.
Sentil-o-has sempre a arder; ser-te-ha pezo, e alegria;
tormento, e animação; soidão, e companhia.
Luz, a que has-de entrever ora ceos, ora inferno.
Fogo que é morte, e é vida; arde verão, e inverno;
entre os gelos da noite, e ao resplendor do sol.
Facho divino onde a alma acha eterno crisol.
Esse é o genio; essa a luz scentelha do Senhor,
que te faz creador, apoz o Creador.

Se em ti presumes o estro, esforça-te e caminha;
e dize: « Deus bafeje esta empreza tão minha.
« O Ceo fadou-me artista; artista é sacerdote.
« Conspiro para o bem, e o genio foi meu dote;
« exploral-o é dever; perdel-o é sacrilegio.
« Avante! invoco a luz de Sanzio e de Corregio! »

Sim! põe sempre alta a mira onde quer que te vás.
É duro o estadio; é longo; é improbo; é fallaz.
Mas quem diz que amanhã, galgado o ultimo cume,
(feliz!) o novo sol não te saudará nume!
Como elles, se amanhã tu vingarás a meta!
Se serão teus pinceis teu sceptro de poeta!
Oh! quem sabe...

É poeta o pintor. A poesia
não vive só no livro ; a eterna simphonia
das harpas celestiaes, ouve-a o pintor tambem.
O poeta aspira ao Ceo pela estrada do bem,
que ensombram os doceis das arvores do bello.
O poeta é o scismador magnanimo e singelo,
que entre o fosco presente olha ao longe o futuro.
O poeta é o obreiro; é nobre, casto e puro.
O poeta é o cantor, consolador das almas;
distribue sem inveja o lyrio, o loiro, as palmas.
É o allumiador que surprehende o ideal,
e deslumbra com elle os umbraes do real.
É o eterno pintor. A terra é-lhe pequena.
Não lhe é tela o papel, nem lhe é pinceis a penna;
a tela é bem mais nobre; os pinceis bem mais seus;
e o assumpto do seu quadro é Mundo, Ceo, e Deus.
O fogo que accendeu, nas outras almas lavra.
A tela é a alma humana; os pinceis, a palavra.
Esse é o poeta do livro, o poeta das canções :
Homero, Dante, Hugo. Seu reino, os corações.

Mas (oh! compensação!) não menos é poeta
quem pensa co'os pinceis, quem vence co'a palheta.

Ressuscitar um morto, e fazel-o immortal!
Convencer co'a palheta! elevar ao ideal!
Uma tela a pensar! a fallar! a exprimir!
Uma tela a cantar! a arrastar! a carpir!

Oh! celeste condão! tome o pintor as tintas,
e pedra serás tu, se não fizer que sintas
ora espanto, ora gelo, ora furia, ora pranto!
Ha nelle um nume occulto, um poder sacrosanto,
vis ignota aos mortaes em quem não luz a chamma,
e a quem a Providencia ao bello ideal não chama.
Sim! pintor é poeta.

E que poeta enorme
não é esse, que á hora em que a cidade dorme,
congregou todo um povo em fulgido theatro,
e as vertentes do bello as abre todas quatro:
a escultura, a poesia, a muzica, a pintura!
Encarnou-se o Creador na sua creatura;
fel-a erguer semi-deus. Que genio! a turba admira
a união sobrehumana entre pincel e lyra,
entre escopro e tiorba. Applaude, absorta em pasmo,
e ás nuvens do alto ceo a eleva o enthusiasmo.
As dores, as paixões, o bellico transporte,
as lagrimas do amor, a vida, o riso, a morte,
tudo em ríthmo, e harmonia, a melodia exprime.
Filha! nuncia do bem! lingua de um Deus sublime!

Taes são as tres irmãs; as tres Graças; as fontes
caudaes do eterno bem; as tres celestes pontes
entre o mundo infinito, e a madre natureza.
Vou cantal-as. Um Deus proteja a excelsa empreza.

8 de Junho de 1866

XLVIII

A ORAÇÃO DO PONTIFICE

AO EXMO. MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE

I

Que mysterios que envolve a solidão, e a noite!
que balsamos de amor á mente e ao coração!
Quando uma alma procura azilo onde se acoite,
que doçuras não tem a noite, e a solidão!

Á Italia! á Italia, ó Musa! o mar convida; ha frémitos
nas brizas vespertinas.
Vem-me o olor dos pinhaes. Vamos á Italia! oh! vamo-nos
scismar entre as ruinas.

Chega-me o suspirar dos bandolins co'as muzicas
do verdenegro mar.
Musa! à Italia esta noite! o mar é todo canticos,
o ceo todo luar.

Vem! não ressôa alem um murmurinho insolito?
não são brados de alarmas;
nem fogo; nem canhões. Que é pois? prostrada a Ausonia
dar-se-ha que dispa as armas?

Ressurge o guerrilheiro? encerrou-se outro féretro?
baqueou mais outro solio?
dobra o sino em S. Pedro? acordaria Napoles?
succumbe o Capitolio?

Negreja ao longe. Musa, ao fundo da planicie,
olha (oh! prodigio!) assoma
no ennevoado horisonte uma torre; uma cupula;
uma cidade! É Roma.

E Roma, grande Deus! é Roma! Ignoto effluvio
dos Ceos aqui ~~da paz do ceo~~ se aspira!
Vêm como evocações os genios de alem-tumulo
vibrar em cada lyra.

Troa a voz do passado em hymnos enthusiasticos
aos pés do Vaticano;
canta a voz do Senhor no throno dos Pontifices,
num solo inda romano.

É noite. Vai co'a lua ao cume do Janiculo,
ó Musa! O que não vês!!!
Que amplidão! sobre a fronte um ceo de estrellas limpido;
toda Roma a teus pés.

Roma ! e estamos em Roma. Em cada velho marmore
soletro um monumento.
Roma ! enlaçada á Cruz vela a pagã dos Cesares,
á sombra do Convento.

A casaria alastra o seu lençol. Palacios
retrata em sombra a lua;
corre o Tibre; já reina o silencio dos tumulos
em cada morta rua.

Escuta : num Mosteiro, além, vozes monasticas
salmeando orações.
Um sino ao longe ! Oh ! lua ! o teu clarão poetico
faz drama as solidões.

Monges naquelle claustro. Ao lampião da abobada
o Breviario os espera ;
vão ao côro. Oh ! solemne hora de amor e jubilos !
oh ! santa nave austera !

Que seria da Europa, á hora em que entre as órgias
descuidosa adormece,
se Roma a não velasse, olhando aos ceos, e supplice
erguendo as mãos, e a prece !

Jaz de joelhos o mundo ante o Briareu da industria ;
adora a sua luz ;
vê zunirem vagões, camartellarem fabricas,
e esquece o altar, e a Cruz.

Que importa? lá está Roma, a penitente pallida,
co'as mãos aos ceos erguidas;
a que vê no regaço as orações e as supplicas
em benções convertidas.

Dormí! vela por vós filha Christã do Empyreo,
a sentinella enorme;
Roma; a pontifical; a sublime; a dos martyres;
a vestal que não dorme.

II

Sobre a Europa adormecida
vela ainda o Vaticano;
entre o escuro da cidade
só diviso aquella luz.

Horas mortas. Quem vigia?
o Pontifice romano;
do oratorio á claridade
ora extatico ante a Cruz.

Que momento! olhae! sósinho
no seu quarto solitario;
entre as mãos, um Breviario;
no olhar grave, o coração.

Sobre a meza, um Crucifixo,
do martyrio imagem branca;
a janella ás brizas franca;
lá por fóra a solidão.

Que momento! o Rei de Roma!!
a sua mente os ceos procura;
busca além sidereos cumes;
foge a terra aos olhos seus!

Elle ajoelha ante o seu Christo;
a alma adeja-lhe na altura;
chega aos Ceos, e entre alvos lumes
já se encontra aos pés de Deus.

III

Ahi, pára e succumbe. Implora, surge, e espera.
Abrange num relance a luminosa esphera,
e a esphera terreal.
E lançando o olhar fito ao seu torrão da Hesperia,
tem lagrimas no olhar; e atròa a nave etherea
de um polo ao outro polo a voz pontifical.

Como se fôra a voz de um sacerdote orando
no meio de alta egreja, ás horas mortas, quando

se escuta o cantochão,
— « Senhor! Senhor! » — diz elle; e a voz eccôa intensa,
e de astro em astro vai na abobadada immensa
ressoando, crescendo, atroando a amplidão.

— « Senhor! Senhor! — diz elle — « eis-me a teus pés. Succumbe
« a minha debil mão. A Igreja em mim recumbe,
« e eu refugio-a aqui.
« Venho entregar-te o pezo enorme; a sociedade
« retreme no alicerce; e a minha Christandade
« por ti vive, Senhor! Senhor, descança em ti.

« O Convento caíu; freme e vacilla o Templo.
« Tenho fé que este horror se transmude no exemplo,
« e alfim nos traga a luz.
« Perlustra a humanidade em segundo Baptismo!
« a tua mão, Senhor, nos arranque ao abismo,
« e entre o grão fuzilar nos amostre Jesus.

« Bem vês, alto Senhor, se eu não velar, quem vela?
« ante a casa de Deus sou eu a sentinella
« entre esta cerração.
« Nesta noite sem lua ergo a voz, brado alerta,
« mas ai! ninguem responde á minha voz, que incerta,
« já cançada de orar, se esvai na solidão!

« Quando o tardo viandante assoma entre as ruinas,
« busca ao longe uma luz entre as sete collinas,

« e a minha vê brilhar;
« vê franco o meu portal, segundo antiga usança;
« depõe o seu bordão, assenta-se e descança
« bebendo Fé e Amor ante o meu pobre lar.

« Mas a Europa jaz muda; em balde os meus pastores
« prégam a grande lei, a lei dos teus amores,
« ao povo dos fieis.
« Onde vamos? qual é teu fito, ó Sobrehumano?
« cai-me o sceptro das mãos? succumbe o Vaticano
« sob o insulto da plebe e o furiar dos Reis?

« Dar-se-ha que ante uma horda impia, descrida, infrene,
« hajam de succumbir a tua Cruz solemne,
« e o Evangelho do amor?
« e que a tua cidade, a tua Roma egregia,
« dispa infamada, oppressa, a sua purpura regia
« ante o jugo das greis? querel-o-has tu, Senhor?

« Não, porque és Pae, e és bom. De ti confio tudo,
« e sorrio á tormenta, e sei resistir mudo
« deste oceano aos sacões.
« És o Senhor da terra e o arbitro celeste;
« mas o teu melhor throno, o que alta luz reveste,
« é o throno que alçaste em nossos corações.

« Ouve-me pois, que és Pae. Tenho fé; tenho esp'rança.
« Amanhã, firmamento, arraia-te a bonança,

« e Roma já não cai.
« Perdoa-lhes, Senhor. Deixa o redil aos anhos;
« olha a Italia outra vez, liberta-a dos estranhos;
« ouve-me tu, que és santo, ouve-me tu, que és Pae.

« Amanhã, descerei á atonita cidade,
« co'o teu verbo na bocca; a oppressa humanidade
« ha-de ouvir-me a teus pés.
« E cheio do teu sopro, e sorrindo á tormenta,
« direi aos meus fieis que o teu braço os sustenta;
« e co'a tua lei na mão serei novo Moisés! »

IV

E o Pontifice orava. A abobada tremia.
Deus escutava attento a voz do seu pastor;
voz, que entre o estrondear da humana vozeria,
era um cantar celeste, um arrulhar de amor.

Deus escutava; oh! sim! Deus escutava augusto
o Pontifice Rei, o chefe universal.
E se em joelhos na loisa elle implorava a custo,
ria-lhe já na fronte a luz celestial.

Víra Deus entre a febre, entre o santo delirio!
víra a face de Deus! e abrazado de amor,
no enthusiasmo sagrado invocára o martyrio,
e carpíra *apegado á Cruz do Salvador.*

— « De ora avante » — diz elle — « a pobre christandade
« já não tem que temer; a força, Deus m'a deu.
« No extase da oração salvei a humanidade!
« Vinde ao templo, fieis! vosso guia, sou eu! »

Pelos olhos senís, pelas faces enfermas,
lampejava-lhe amor o accezo coração.
Raiava a luz da aurora entre as arcadas ermas,
quando o velho pastor se erguia da oração.

Novembro de 1866.

XLIX

ROMARIA PIEDOSA

Anjo bom, que a mim vieste,
me abrigaste co'o teu veo;
Anjo ou fada estremecida,
que a sorrir me déste em vida
as primicias do teu ceo;

vem, que é hoje o nosso dia;
bem t'o diz o coração.
És feliz? oh! quanto és minha
este peito m'o adivinha;
põe sobre elle a tua mão.

Onde iremos acoitar-nos?
onde iremos hoje amar?
onde? oh! longe da cidade!
quero a funda soledade
de algum bosque ao rez do mar.

Qualquer ninho bem serrano;
qualquer granja de casal;
qualquer poiso aos pés de oiteiros;
um redil entre salgueiros;
uma choça entre pinhal.

Um só lar d'onde hoje ambinhos
descubramos ceos e Deus!
tudo sobra, tudo basta;
o ar é livre, a terra é vasta;
corre, corre, amores meus!

O teu dia é o meu dia;
não é assim, filha do amor?
qualquer restea de horisonte
co' um ceo roto sobre a fronte,
dá-nos dia encantador.

Lá, na mente volveremos
sob um ceo que ouse sorrir,
bens saudosos, bens passados;
bens presentes, tão amados;
bens e esp'ranças no porvir.

Mas se acaso alguma lagrima
me chorar o coração,
quero um rir com que m'a escondas,
como abafa o som das ondas
das sereias a canção.

Só! comtigo! unidos ambos!
verde e azul tudo seduz!
Vais mirar essas campinas;
vais scismar entre as collinas,
junto á ermida, ao pé da Cruz.

Procurar a Ave-Maria,
devanear ao pôr do sol,
entreouvir pelas devezas
um cantar de camponezas,
um carpir de rouxinol.

Este inferno, esta delicia
deste amor que me assaltou!
deste amor que é teu, querida!
deste amor que me deu vida!
deste amor que me matou!

Este inferno! este paraizo!
este amor que assim me dás!
Fujo, e embalde; e sempre scismo;
temo a escarpa de um abismo!...
É que a vida é tão fallaz!...

E é tão curta!... este ar balsamico,
este ceo claro e gentil,
póde um sopro... um só momento...
Não! não quero! oh! pensamento,
foge; torna aos céos de anil!

Não, meu ninho; estás seguro;
desafia o noto e o sul.
Vem, se o ousas, vem, procella,
arrancar-me aos braços della,
ennublar-me o nosso azul!

Se pois queres, já que o dia
é tão meu, visto que é teu,
vamos longe, á beira alpestre
de algum monte ermo e silvestre,
bem do amor, bem teu, bem meu

Seja a rustica morada
que uma vez te salvou já,
co'a sua sombra eterna e rude,
co'o seu ar todo saude,
co'o seu lar, que chama e dá

Não? não queres? então seja
lá no valle o ermo que eu vi,
o teu placido ermiterio,
todo humilde, e todo aereo,
como cumpre ao valle, e a ti.

Tambem não? seja então Cintra,
a risonha, a festival,
Cintra o éden da angla lyra,
e onde amor canta e suspira
entre festa universal!

Que é de amor ditoso albergue,
cada fonte ou sombra o diz;
Cintra! Cintra! a sempre linda!
sempre verde, e régia ainda
no seu throno de alcantís.

Não? não queres Cintra? embora.
Buscaremos outra; sim;
queres sitio mais sombrio,
mais ignoto e fugidio;
bem m'o diz teu peito a mim.

Bem n-o sei. Queres thebaida
mais maninha: uns pinheiraes,
co'um mosteiro ou uma capella,
e uns arroios, que revela
a cortina de uns choupaes.

Tel-os-has. Vamos ao Freixo.
Oh! se te ha-de hoje aprazer
o bom Freixo, alpestre abrigo,
patriarchal folhudo amigo,
que te viu brotar, crescer!

que te deu nos annos verdes
sombra, albergue, auras, calor.
Vem á placida campina!
Vem, formosa peregrina,
ver o teu primeiro amor!

Naquelle ermo, a sós co'a morte
(olha, o Freixo ; alem ; não vês?)
ululou Francilia occulta,
morta em vida, e já sepulta
no sepulchro da viuvez.

Lá, reclama-te a sua sombra ;
co'a paixão te busca alem.
Quero vel-a, a afflicta dama !
do seu sangue a voz te chama ;
sangue teu, já meu tambem.

Quero entrar nas salas mudas,
derrocadas e sem luz.
Quero vel-a em seu delirio,
a ulular o seu martyrio,
abraçada á sua Cruz.

A sua sombra alem vagueia.
Entrarás, furtivo o pé,
no seu lar, já sem alfombra,
e talvez que a afflicta sombra
no ermo peito esperte a fé.

E dir-lhe-has : « Sou eu, e é elle.
(e entrarás baixinho ali)
« Eu, sou tua ; elle, é o filho
« do teu vate, o teu Castilho,
« que na loisa orou por ti. »

E caindo ambos em joelhos
ante a sombra, sem pavor,
nossas vozes uniremos;
ambos de alma exaltaremos
o poder do Creador!

Hoje, goza já Francilia
todo o amor do Summo Bem!
já tem Jonio; já não chora;
o arraiar da sua aurora
foi das campas para alem.

Vem, vem pois, que o dia é nosso;
Anjo meu, quero ir scismar
sob os tectos de Francilia,
entre os muros da familia,
co'o bom ar que a soube amar!

Dá-me a mão! fujamos! presto!
alva estrada nos conduz.
Oh! piedosa romaria!
os festões da poesia
na haste negra de uma cruz!

Agosto de 18...

L

Á PORTA DE UM CEMITERIO

Foi ao cair da noite; o ceo era funereo.
Saí triste e sem lua ; ao campo fui scismar.
Nas sombras o entrevi curvado a soluçar;
encontrei-o chorando ao pé do cemiterio.

De luto ! em pranto ! ali ! junto á funebre Cruz !
Tão pequenino ! eis chego ao tremulo orphãosinho.
— Por quem choras? — pergunto ; e o pallido rostinho
rebentou-lhe outra vez de lagrimas a fluz.

— Minha Mãe ! minha Mãe !... — eram os gritos seus.
E emmudecia. Oh ! dor ! oh ! pranto ! oh ! saudade !
Calei-me ante o profundo abismo da orphandade ;
elle, ajoelhou na pedra, a orar comigo a Deus.

Deus, oh ! Deus, que eu vejo e sinto
palpitar neste ermo pranto,

ajoelhou no degráo santo
o orphãosinho que a ti vem.

No mundo quantos como este!
Deus, tu que és bom, e és eterno,
deixa-os sem pão, Deus paterno,
mas não m'os deixes sem Mãe.

. . . . . .

Prazeres, Agosto de 1866

LI

AO SUMMO PONTIFICE

— MEDITAÇÃO —

O ar é torvo e sinistro. A nova Italia exulta.
Ergue-se não sei donde um sol que os soes insulta.
O convento caíu, e o templo vacillou.
Onde vamos, Senhor? que vento nos levou?
Quem é a ousada mão, que alem do alto de um solio
dardeja raio infrene ao santo Capitolio?
Rei Colombo, quem és, atroador do profundo,
que a impios mares te vais em busca de outro mundo?
Guerrilheiro, quem és, que a moça Italia alarmas,
e a cujo acceno e voz surgiu sanhuda ás armas?
Quem sois? Ao vosso brado erguem-se os vendavaes,
descadeiam-se o ferro, o fogo, a furia, os ais.
Ao crebro fuzilar, ao tropear dos corceis,
fremem nos mausoleos as ossadas dos Reis!
coram na sombra elysia os Catões que vêm isto!
gemem na fria campa os Vigarios de Christo!

Que sanha de destroço! oh! funebres victorias!
o insulto á Cruz no altar eis todas vossas glorias.
Derrubais o convento, e surdos a Jesus,
a cantar e a sorrir, desarraigais a Cruz.

Ceos! baquear-se a Cruz! acorre, ó sentinella!
despoja-te! És aquelle, a quem Deus pôz de véla;
cumpre a missão. Bem vês; a casa do Senhor
inclinada recumbe em ti, que és o pastor.
Pontifice, és a chave, és a força, és a escora;
não succumbas, e aponta ao mundo a sua aurora.
Esforça-o, dá-lhe crença; embora o vagalhão
se encapelle a rugir, sê pharo á multidão.

Do alto solio onde estás, a toda a christandade
abranges co'o olhar, aqueces co'a piedade.
Embora a moça Italia erga a sua voz infrene,
a tua voz, ó Pastor, eccôa mais solemne;
voz do alto, voz do Ceo, voz que baixou da Cruz.
— Perdoae-lhes, Senhor! supplicava Jesus.

Animo! avante! avante! eis-nos em tuas mãos,
um troço de fieis, de crentes, de christãos.
Arde Troya, é verdade; a intensa labareda
estralla, mas aponta esplendida a vereda;
não a vês? Santo ardor acorda um Deus em ti;
grave, sereno, e mudo, o altar te chama ali.
Surgiste; as debeis mãos, entre o furor crescente

da infrene turba acceza, ergues; tua voz clemente
é o grande *Sursum corda*; off'rece entre canções
na Eucharistia a Deus os nossos corações.

Esta idade de ferro é transição. Não tremas.
Não te assustem, Pastor, invocações blasphemas.
Deus vive em ti. Deus quiz que entre o mundo profano
surgisse sentinella, eterno o Vaticano.

Lisboa, Agosto de 1866.

LII

AS FESTAS DO SOLAR

I

Nem eu faltei na vossa romaria,
amaveis castellãs. Vosso castello,
todo por dentro e fóra illuminado
no dorso audaz da penedia abrupta,
de longe me atraíu; cheguei, sou vosso.

Oh! que ninho de amores! que doçura
neste oäsis serrano! que risonho,
que franco abrir os braços! e que antiga
esta hospitalidade portugueza!

Remoçado o palacio ás auras sólta
voz que outr'ora atroava estes oiteiros;
o velho paço empresta a sua gala
a toda a alvoroçada cercania;
ri-se a aldeia no rizo dos senhores.

Não vistes como os pobres camponezes
correram logo á vossa festa? e como
as danças ao portal da alva capella
no adro hervoso á porfia entreteceram?

A casa abriu-se; o limiar é franco;
o brazão da portada não se corre
de ver entrar nas salas dos senhores
toda a campestre chusma boquiaberta.
O castellão sorri-se, a todos chama,
a todos falla, a todos acarinha.
Pae da aldeia, alvas bençãos te engrinaldam.

Salve, ó tu, moço amigo, que inda sabes
de um Portugal que foi! Salve! e bem hajas,
tu, que na ferrea idade que passâmos
ressuscitas as eras genuinas,
e á sombra do castello és pae, e és nume.
Graças a um moço, a ti, vemos sem custo
o que em annos senís foi o suave
Martinho de Aguilar, esse em que a lyra
do meu vate beirão pôz o transumpto
dos paternos exemplos. Da janella,
descobres a lezira, o monte, a aldeia;
tudo é teu; cazalinhos que os semeiam,
e colmos que se empinam junto ao paço,
teus tambem; podes pois dizer ufano:
« Os braços que povoam essas varzeas

« meus são; mas, o que é mais, mas o que é muito,
« são meus os corações. »

Feliz, mil vezes!

II

Á festa! á festa, ó castellãs! a festa
precisa um trovador. Foi uzo antigo
ouvir-se nestas salas a mandora,
quando vossos avós ao lar festivo
juntavam toda a alegre cercania.
Hoje, Senhoras, permittí-me ufano
empunhar bandolim de trovadores,
para ser todo vosso, e erguer aos astros
este dia feliz. Á festa! á festa!

A capella está franca; os votos podem
ir lá juntar-se aos votos; a Senhora
entre os seus rosmaninhos, e entre as renques
dos cirios festivaes, preside linda
do seu garrido altar aos nossos jubilos.
As filhas do castello andam no parque;
os grupos senhorís giram dispersos
á sombra dessas arvores solemnes,
que deram sombra aos seculos antigos.

III

Amalia é a rainha deste alcáçar.
Não a vêdes? graciosa, fragil, debil,
poetica visão; dir-se-hia um Anjo,
que anda a peregrinar no amargo mundo.
Não entende este mundo; apraz-lhe o bosque,
mais que a cidade; e mais que as salas frivolas
a sua solidão; a paz ditosa
do castello natal; este ar purissimo,
este enlevo, esta eterna liberdade.
Os Anjos uzam lyra; a doce Amalia
tem uma lyra de oiro; e canta, e chora
ao som da lyra as lagrimas ethereas.
Oh! se a ouvisseis, amigos! que portentos
na lyra de oiro ás auras sólta, quando
a lua cheia alegra estas campinas;
quando vêm rebentando as flores novas;
quando aponta a alvorada; e sobretudo
quando o sol já se afunda entre os oiteiros;
quando ao longe se escuta a Ave-Maria;
quando o outomno despiu do olmeiro as ramas,
e a outra philoméla os cantos tristes
do seu lascado tronco a medo geme.
Se a ouvisseis, como eu!

IV

Alem, Carminho;
Carminho, a irmã, a socia, a alegre amiga
da poetisa, Carminho a mãe dos pobres!
Fronte rasgada e franca, olhos de lume,
branca, vivaz, risonha, toda flores,
toda alvorada, e toda primavera.

Oh! que ninho de amores! esta casa
é paraizo; e os Anjos... são aquelles.

V

Quando a Igreja está triste, e a christandade
prepara nos jejuns o peito e a mente
para o culto sublime da Semana,
(santissima Semana!) em que entre lutos
o Homem-Deus redimiu co'a morte o mundo;
na pallida Quaresma; na tristonha
quadra do anno, em que mais presto bate
no peito o coração, sabeis, amigos,
o que uzam no castello estes dois Anjos?
ouví:

Descem furtivos á capella.
Por sua mão Carminho, a mãe dos pobres,
(tal é seu nome em toda a visinhança)
Carminho o sino agita; é sinal dado;
das granjas, dos casaes, das ermas choças
sai logo em bando a chusma das creanças.
Vel-as correndo! a porta da capella
as recebe. Lá dentro, no alto côro,
Carminho e a sua Amalia as aguardavam;
acolhem-n-as, amimam-n-as; e logo,
beijadas em tropel as mãos fidalgas
pelas boquinhas rusticas, em roda
senta-se a infantil turba, a ouvir attenta.

E principia a pratica; a doutrina,
Carminho por sua bocca a ensina aos pobres;
dá-lhes a grande esmola, o pão da Igreja:
instrue-os na oração. Depois, commenta-lhes
em frase comesinha os livros santos;
pinta-lhes Deus, e faz-lh'o amar; e diz-lhes
a creação do mundo; o crime infando
do nosso pae Adão; as raças filhas;
Abel, Caim, a serpe, as boas arvores;
a arca, a torre, a dispersão das gentes;
e Abrahão, e Eliezer; Labão, Rebecca;
e Jacob, e Rachel; e o mar vermelho,
e o divino Moisés! (e as creancinhas
ouvem, nem pestanejam.) Diz-lhes logo

toda a divina historia, e os tres meninos
da fornalha, e Daniel, e o Rei Nabuco,
e o impio Balthazar. Depois achega-as
á Redempção; e assistem mudas, quêdas
as filhinhas da aldeia ao nascimento
do filho do seu Deus; e Christo surge.

Então, vem o presepio; os pastorinhos
prostrados junto aos Reis ante um menino.
A Virgem! o Calvario! o melancolico,
o lutuoso drama do Calvario!
as lagrimas! o sangue! o Homem divino
pendente de uma Cruz! (e as creancinhas
tremem, e choram.) E á sua voz solemne
Carminho o coração lhes fortifica,
lhes abre os seios da alma, e lh'os perfuma
co'as fragrancias suavissimas do Templo.

Oh! celeste a missão, que assim transforma
o templo em doce escóla! oh! deleitoso
quadro sem preço, a que Deus mesmo assiste.

VI

Que vezes bandos de Anjos escondidos
entre os desvãos do côro, entre o silencio
da nave pequenina, irão furtivos

contemplar esta scena! e oh! quantas vezes
a mãe dos Anjos dois, vós, vós, Senhora,
co'as lagrimas nos olhos melancolicos,
co'o seio a palpitar de amor materno,
tereis ido encontral-as na capella,
espreitando á luz branca da consciencia
o caminho dos Ceos! Essa vereda,
sabida só dos bons, e dos maos ignota,
ensinastes-lh'a vós. São filhas vossas
na alma, e no sangue; oh! parabens, ditosa!

VII

Taes são as festas do solar amigo;
taes são os graciosissimos enlevos
de ingenuos corações em peito de Anjos;
vossos saráos de mistica poesia
são este amar continuo; esta piedade
que trasborda; este amor, que a todos chega.

VIII

Amigos! esvaíu-se o dia em jubilos.
Partâmos. Já dos montes desce a noite.
Deixemos esta aldeia venturosa,

que dorme á sombra augusta do palacio.
Sem o rumor da turba, a caridade
medra melhor. Adeus, monte! adeus, ermo!
adeus, amaveis corações, Archanjos
postos por Deus nesta thebaida rustica.
Adeus! co'a solidão mora a ventura.

Que importa que as estrídulas cidades
gorgitem de peões, de cavalleiros!
que os palacios trasbordem sedas, galas!
que da festa os clarões por toda a noite
entre os risos e as muzicas concitem
frívola turba entre os saráos do inverno!
Que importa! aqui nem chega um som perdido.
Ouvem-se os ralos a silvar nos trevos;
ramalhar os sobraes e as carvalheiras;
cantar o sino rustico; e lá fóra
pelo ermo outomno assobiar o vento.
Mais nada. Ao coração chega mais pura
a voz da natureza, entre o misterio
deste fundo silencio das montanhas.
Sim; nesta solidão mora a ventura.

Pinteus, Setembro de 1866.

LIII

NO BUSSACO

AO MEU RESPEITAVEL TIO E OPTIMO AMIGO O ILLMO. E EXMO. SENHOR CONSELHEIRO JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO DE NORONHA, COMO SINGELO PENHOR DE ALTISSIMA CONSIDERAÇÃO, E SINCERO AFFECTO

Nesta serra solemne entro a adorar o Altissimo.
De joelhos, coração!
nasce em minha alma aberta a luz dos mortos séculos,
e sinto-me ermitão.

Estes troncos sem conto, este crescer magnifico,
este viçar jocundo,
acordam na alma attenta um hymno, inspiram lagrimas,
arrancam-nos ao mundo.

O mundo é tão mesquinho! e isto é tão vasto e esplendido!
oh! bemdita, bemdita
a Mão, que soube unir neste remanço placido
os passaros, e o ermita.

O passaro é um monge ; um ramo é-lhe ermiterio ;
d'ahi canta sósinho ;
mora entre os ceos, e a terra ; é livre, obscuro, e cifra-se
o mundo no seu ninho.

É pobre, e inoffensivo ; um grão lhe basta ; alegra-se,
e canta ; é rouxinol ;
vê romper a alvorada, e o sol sumir-se, e cuida-se
bem mais feliz que o sol.

O ermitão é tambem uma pobre ave mistica ;
habita a solidão ;
vive entre o mundo, e Deus ; suas irmãs as arvores
acclamam-n-o de irmão.

É livre, obscuro, e pobre ; é o intermedio tacito
posto entre Deus, e nós ;
canta o louvor de Deus entre as suas obras, e ouve-se
nos ceos a sua voz.

Despiu as illusões ; soletra as longas paginas
do livro Providencia ;
perdeu mundo e festins, mas tem a cella humillima,
~~mas~~ e tem a penitencia.

E a troca não lhe peza. Aqui a mente ajoelha-se,
medita, chora, e esquece.
Tem sorrisos a fé ; gloria e canções o Empyrio ;
azas de archanjo a prece.

Prece ! ao romper da aurora os passaros acordam-n-a
saudando a nova luz.
« Prece! » — repetem logo a serra, o claustro, as arvores ;
« Prece ! » — responde a Cruz.

Quem entrar nesta matta, a haurir a peito soffrego
todo o amor que ella encerra,
« Nesta mansão » — dirá — « descança alegre o espirito;
« aqui fenece a terra. »

Este fundo ermiterio ensina ; em suas paginas
que misterios vou lendo !
cada passo que adianto entre esses troncos rusticos
é solemne, e é tremendo.

Este luco sagrado é porta, que abre os aditos
para um mundo superno.
Aqui sente-se o peito arfar santas delicias
aos pés de um Deus eterno.

Toda esta solidão co'a longa voz das arvores
amor nos peitos gera.
Desde que penetrei nestes logares, sinto-me
melhor que dantes era.

Outubro de 1866.

LIV

OUTOMNO

Lá vem o pallido Outomno,
co'a sua carranca triste!
Pelo pinhal (bem n-o ouviste)
silva o melro uns ais de dó.
Desfolharam-se as ramagens;
a terra é negra e escalvada;
sem aguas vai a levada;
muge a serra agreste e só.

Como é solemne esta entrada
do sinistro irmão do inverno!
Já do corado horisonte
o sol resvala mais terno
pelo agro dorso do monte.

Sim, mais terno; sim, mais grave;
suave, como é suave

doce olhar de moribundo,
que na longa despedida
pára nos umbraes da vida,
a dizer adeus ao mundo!

Meu doce amor, este sol
sorri, mas por entre lagrimas,
e quasi a medo sorri;
pressente que os nevoeiros
não tardam pelos oiteiros;
que já não tardam por hi,
a toldar de serro em serro
toda essa vasta deveza,
chuvas, que nos são tristeza,
e são para o sol desterro!

Oh! se a alegre mocidade
bem soubesse o que é viver!
e quanto aos homens o Outomno
cedo começa a crescer!
Despovoam-se tão prestes
as remançosas campinas
da virente adolescencia!
tão cedo vêm os ciprestes!
e tão cedo a consciencia
al re e esperta a sua luz!
Esvae-se a quadra florída;
carranqueia ao longe o inverno.

Feliz quem no fim da vida,
á beira do somno eterno
encontra os braços da Cruz.

Bucellas, Novembro de 1866.

LV

OS SINOS DESTA ALDEOLA

— VELHARIA NA AFINAÇÃO DE GIL VICENTE —

Os sinos desta aldeóla
não sei que encantos que têm
quando os escuto d'alem,
de traz daquellas quebradas!
Oh! preciosa a algaravia
destas campas tão azadas
para palrar delicadas
aos pés da Virgem Maria!

Se vos não ouviu o Ceo,
ó sinos desta aldeóla,
culpa é de quem vos tangeu;
que ou de si era sandeu,
ou já lhe andava na cola
o perro de algum judeu.
Nesta nossa Freguezia,
ninguem, sinos, como vós
manda ao Ceo mais presto a voz,
quando cantais á porfia
glorias á Virgem Maria.

Ai ! sinos desta aldeóla,
quem vos deu esse condão ?
Ou vós tendes coração,
ou Anjos vos dão de esmola
sua graça e perfeição.
A ser christão verdadeiro,
e não perro sem avizo,
ha logo o vosso sineiro,
só de ouvir-vos enlevado,
ir já vestido e calçado
caminho do paraizo.
Bom olhado vos olhou ;
boa mão vos fabricou ;
boa fada vos fadou,
ó sinos, logo ao nascer ;
que esse precioso tanger
só fada o ensinaria,
para lá nos Ceos poder
ouvil-o a Virgem Maria.

Nos seus Paços da Ribeira
não tem El-Rei, mais que faça,
obra de mais fina traça,
mais celeste e verdadeira.
Nem a mandora da Infanta,
que é obra de seraphim,
nem harpa de alguma Santa,
nem o grave bandolim

do precioso Bernaldim,
que diz que é obra mui prima,
de mui manhosa feição.
Vosso tanger aldeão,
sininhos, tem mais valia
para supplicar perdão
por nós á Virgem Maria.

Ahi, por esses pinhaes,
onde o sol lhe custa a entrar,
é que é il-os escutar,
quando anda festa na aldeia,
e quando co'a lua cheia
todo se alegra o logar.
Em quanto as danças do adro,
co'as travessas cantadeiras,
volteiam co'a vozeria,
tange a branca Freguezia,
entre as suas oliveiras.
E todos os sete sinos
tão serenos e tão finos
no meio da solidão,
como celeste canção
de mui suave alegria,
cantada pelos Archanjos
aos pés da Virgem Maria.

Os sinos desta aldeóla
são da aldeóla ufania;

dão o salve aos caminheiros
nessa longa cercania;
ao maltez e aos casaleiros
são de longe companhia.
Se o pobre chora, elles choram
toda a noite e todo o dia;
se o vêem orar, tambem oram
orações de grã valia.
As festas dominicaes,
os sermões e os baptisados,
são elles que em altos brados
os pregoam serviçaes.
Quando ha festa em algum lar,
logo o sininho é contente;
logo se lhe ouve chilrar
que é feliz a sua gente;
e a meu crer, ha-de sem custo
tão crystallina harmonia
chegar té ao throno augusto
da Santa Virgem Maria.

Quando os escuto d'alem,
do meio do cemiterio,
os sinos do Presbyterio
não sei que encanto que têm!

Bucellas, Outubro de 1866.

LVI

AO VOLUME DOS MEUS VERSOS

Parve, nec invideo, sine me, liber, ibis in urbem.
Ovid., *Trist.*, lib. I, el. 1.

Parte, ó meu pobre livro! irás sem mim, sósinho,
correr pela cidade incognito caminho.
Sôa a hora; abre o vôo; é partir já; bem vês,
onde, ninguem n-o sabe; ao báratro talvez.

Vi-te com tanto amor quando eras pequenino!
quanta dor neste adeus! Mas parte; é teu destino.
Não mais a escuridão do teu paterno lar.
Vôa! além brilha a luz que te ha-de allumiar.
Ao encarar o sol succumbe o pensamento?
não. Adeus, pobre livro! adeus! fatal momento!

O pobre pae soluça, á porta do casal,
ao filho que se ausenta o longo adeus final.
Perdeu-o, e inda lhe falla a voz do seu viajeiro;
ouve-a de longe; a voz, de oiteiro para oiteiro,

esfuma se no vago ; inda ali fica o pae.
Já não se ouve a canção, e inda co'a mente vai
saudoso o pae seguindo ao longe o amado trilho ;
e entre as nevoas da ausencia inda procura o filho.

Tal sou eu. És meu filho. Alem na escuridão
serpeia o teu caminho ; eu tremo ; o coração
pressente-me o porvir ; o porvir são só trevas.
Já não és meu ; fugiste ! o rumo que alfim levas,
Deus o sabe ! eu tremendo inda ao limiar me estou ;
sigo-te a suspirar ; comtigo em mente vou.

Oh ! que abismo sem fundo é a publicidade !
Pensar que para eccoar nas tubas da cidade
um só dia, e esquecer... hei-de eu, eu proprio, expor
a minha alma ! todo eu ! todo o meu santo amor !

Não ; não posso ; não devo ; o peito é santuario.
Foge pois do meu lar, mundo profano e vario !
Mas vós, ó peitos bons, vós almas de eleição,
vós, poetas, que amais, que tendes coração,
vós, homens do Senhor, entrae no meu tugurio.
Tereis sombras, e olvido ; ermos, e paz ; murmurio
de aguas ; carpir de rola ; amplissimos doceis ;
vinde ; e ao cair do sol comigo scismareis.

E adeus, meu pobre livro ! abala-te sósinho
a rasgar na cidade o incognito caminho.

Bucellas, Outubro de 1866.

INDICE

Dedicatoria. 1

Ao meu loireiro paterno. Offerenda. 3

Ao publico. 7

I. — 24 de Setembro. Á memoria do Libertador.. . 9

II. — Leitura repentina. Versos recitados na inauguração da escola pelo methodo portuguez no regimento de lanceiros da Rainha em Belem a 19 de Setembro de 1852.. 13

III. — Á morte de Sua Alteza Imperial a Princeza D. Maria Amelia de Bragança.. 17

IV. — Versos cantados pelas alumnas do asilo da rua dos Calafates a Sua Magestade a Imperatriz do Brazil no seu regresso da ilha da Madeira sem a Princeza D. Amelia em 1853.. . . . 19

V. — 15 de Novembro. Á memoria da Rainha a Senhora D. Maria II. 21

VI. — O Ermitão da montanha. 27

VII. — Crepusculo. 33

VIII. — A meu Pae. 35

IX. — A Tempestade. 37

X. — Esparsa. 39

XI. — Adeus para sempre. 41

XII. — O Monge e o Viandante. 43
XIII. — Os pobresinhos. (Meditação.). 45
XIV. — Meia noite. (Esparsa á viola.). 49
XV. — Palmira. (Romance mauresque.). 53
XVI. — Inscripção no livro intimo de um poeta. . . . 57
XVII. — Estrophes escritas por baixo de um retrato de Camões. 59
XVIII. — Toujours toi. 61
XIX. — A Pascal de L... 63
XX. — Oh! je t'aime!. 65
XXI. — Ave Maria. 69
XXII. — A Margarida B. na noite do seu beneficio. . . 71
XXIII. — Noite de primavera. 73
XXIV. — Na despedida de uma cantora. 75
XXV. — Entre os ciprestes. 77
XXVI. — Á formosa Dona Luiza Medina. 79
XXVII. — A utopia. 81
XXVIII. — Saudades.. 83
XXIX. — No cemiterio. 89
XXX. — Salve, ó Cintra! 93
XXXI. — Uma noite em presença da serra. 95
XXXII. — Canto de Sapho. Versos imitados do italiano, de Leone Fortis, e recitados pela eximia actriz portugueza Emilia das Neves e Sousa na noite do seu beneficio, no papel de Gabriella de Teschen do drama *Coração e Arte* em 1866. 99
XXXIII. — Elle et toi. A mademoiselle Clémentine P. P. de C. 103
XXXIV. — Depois do baile (fragmento). 105
XXXV. — O Ermiterio. 113
XXXVI. — Perante o incendio. 121
XXXVII. — O viver campestre. Cançoneta pastoril. . . . 127
XXXVIII. — Alvorada de primavera. 131
XXXIX. — Tu e o sol. 135
XL. — A chegada ao mosteiro (fragmento de um poema incompleto e inedito). 137
XLI. — Devaneio.. 141
XLII. — Prece matutina. 145
XLIII. — No ermo. 147
XLIV. — Aurora. 149

XLV. — Envoi d'un volume d'Anacréon à mon père. . 151
XLVI. — No campo. 153
XLVII. — A Pintura (fragmento de um poema). Introducção. 155
XLVIII. — A oração do Pontifice. 161
XLIX. — Romaria piedosa. 171
L. — Á porta de um Cemiterio. 179
LI. — Ao Summo Pontifice (meditação). 181
LII. — As festas do Solar. 185
LIII. — No Bussaco. 195
LIV. — Outomno. 199
LV. — Os siros desta aldeóla (velharia na afinação de Gil Vicente). 203
LVI. — Ao volume dos meus versos. 207

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1

MAY 21 1935

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 966 3